

A LITURGIA MAÇONICA

RITUAL DO ❁ ❁

GRAU DE ❁ ❁ ❁

COMPANHEIRO

ARQUIVO MUNICIPAL

PARA OS RITOS ❁ ❁  
ESCOCÊS E FRANCÊS

ANTÓNIO

ROSA

COMPILADO PELO  
IR. MATOS FERREIRA

2.ª EDIÇÃO

MENDES



LISBOA -- 1914

A LITURGIA MAÇONICA

RITUAL DO ❁ ❁  
GRAU DE ❁ ❁ ❁  
COMPANHEIRO

ARQUIVO MUNICIPAL

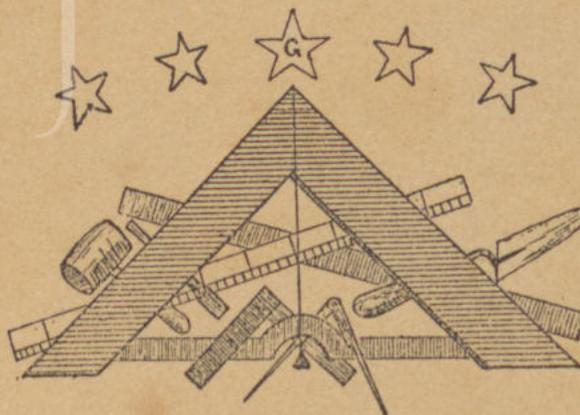
ANTÓNIO  
PARA OS RITOS ❁ ❁  
ESCOCÊS E FRANCÊS

ROSA  
MENDES

OLHÃO

COMPILADO PELO  
IR.º MATOS FERREIRA

2.ª EDIÇÃO



LISBOA — 1914

## AOS MAÇONS PORTUGUESES

CC. . . e RR. . . Iir. . .

Apresentando-vos o *Ritual do Grau de Companheiro*, não tenho outro intuito senão o de concorrer com a minha cota parte para a instrução dos maçons portugueses, que bem descurada tem sido por aqueles que, pela sua ilustração e conhecimento da Ordem, de ha muito deviam ter proporcionado elementos de estudo aos seus irmãos.

Propus-me portanto dotar a literatura maçónica portuguesa com os elementos indispensaveis que sirvam de ponto de partida para um mais largo estudo da mais nobre e da mais sublime das instituições, e que só profundamente estudada pode ser verdadeiramente comprehendida.

O presente ritual, a que se seguirão os dos graus immediatos, está elaborado segundo o plano do *Ritual do Grau de Aprendiz* do rito escocês do Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa, em que colaborei, e o do rito moderno ou francês, por forma a servir-lhe de complemento na instrução maçónica, destinada a formar bons e modernos maçons, estimulando-lhes o desejo do estudo, para que possam tornar-se uns verdadeiros *iniciados*.

Elaborada segundo os mais modernos rituais das maçonarias latinas, dedico a obra, que me propus levar a efeito sob o titulo generico de *A Liturgia Maçónica*, aos meus irmãos, certo de que, como eu, amam a Patria e a Maçonaria, desejando o seu engradecimento material e moral.

Na esperança de ver bem acolhido o meu proposito, a todos envio saudações fraternais.

Lisboa, Dezembro de 1912 (E. . . V. . .)

*Antonio Augusto de Matos Ferreira, 30. . .*

## DO COMPANHEIRO MAÇON

ARQUIVO MUNICIPAL

No grau de aprendiz, o homem deixa o mundo profano pelo maçônico, ou, simbolicamente falando, passa das trevas á luz.

Se soube aproveitar os conselhos e se foi zeloso no trabalho e no desejo de se instruir, é guiado ao lugar que ocupam os companheiros pela mão do mestre. Se ao terminar o prazo fixado para a sua educação maçônica esta é julgada suficiente, os mestres instruem-no no uso dos instrumentos, tanto no sentido proprio como no simbolico.

O companheiro dirige e vigia os aprendizes, tornando-se assim um auxiliar dos mestres.

Recebe novas palavras, novos sinais, novo salario. O seu avental, com a abeta dobrada, indica o obreiro laborioso e diligente, entregue com fervor ao estudo e á pratica da sua arte. Ao trabalho propriamente manual vem juntar-se o conhecimento da sciencia. Está já numa esfera mais elevada e não avança com timidez e vacilação; está mais seguro do caminho que percorre e mais proximo do ponto que pretende atingir. Para ele tudo é estímulo, animo e esperança.

\*  
\* \* \*

O grau de companheiro, segundo da serie simbolica, é universal, pois faz parte de todos os ritos. Representa a segunda idade do homem e resume o estudo dos seus deveres para com os outros e para consigo mesmo.

Segundo a tradição, os aprendizes que trabalhavam na

construção do templo de Salomão passavam a usar novos instrumentos e a executar outros trabalhos quando ascendiam a companheiros. Então uns desbastavam as pedras ainda nas pedreiras, e outros afeiçãoavam com maior justiça as pedras desbastadas pelos aprendizes.

A instrução deste grau revela a sua missão altamente pacífica e civilizadora e deixa entrever mais claramente, do que a do grau de aprendiz, os nobres ideais da Maçonaria.

\* \* \*

Segundo Ragon, o grau de companheiro tem por objecto o estudo das sciencias naturais e a investigação da origem e da causa de todas as cousas. É dedicado á interpretação dos simbolos, á aquisição do conhecimento de nós mesmo e dos homens uteis á humanidade, e por ultimo ensina a compreender os grandes serviços que a Maçonaria pode prestar ao genero humano, contribuindo eficazmente para o seu bem-estar, por meio do trabalho, da sciencia e da virtude.

O maçon é um filosofo pratico que, com o auxilio dos emblemas adoptados em todos os tempos pelos sabios, construi, de conformidade com as leis da natureza e da razão, o edificio moral dos seus conhecimentos; e na relação harmonica e simetrica que guardam entre si as partes distintas deste edificio racional deve o maçon buscar o principio e a regra de todos os seus deveres, e o manancial de todos os seus direitos.

O companheiro deve aplicar as preciosas conquistas da intelligencia adquiridas no mundo fisico, a fim de alcançar o seu aperfeiçoamento moral. Deve amar a sciencia, despojando-a dos preconceitos escolasticos e proclamar a virtude; transformar as rudezas do espirito na suave tolerancia com todas as opiniões; rectificar as suas acções, por meio do esquadro, quando estas se desviem do cumprimento dos deveres, e medir, servindo-se do compasso, tanto os seus proprios sentimentos como os dos seus irmãos, sendo justo equitativo e lial.

Para ser digno do grau de companheiro é indispensavel ter em vista que todos os direitos são inseparaveis dos deveres e que temos necessariamente de respeitar os di-

reitos dos outros para que estes reconheçam os nossos. Por isso nenhuma legislação pode criar direitos nem deveres; unicamente os promulga, expressando apenas a lei o modo de os tornar effectivos.

Logo que o companheiro possui o conhecimento exacto do grau, é-lhe permitida uma nova e nobre ambição. A mestria, terceiro e ultimo grau da maçonaria simbolica, vem então a constituir toda a sua esperança. Um companheiro bem formado virá a ser, sem duvida, um excelente mestre maçon.

\* \* \*

Do que deixamos exposto se infere a importancia que tem o grau de companheiro, elo indispensavel da cadeia maçonica, que ha de formar-se de mestres instruidos e dignos de obter o gozo do exercicio de todos os direitos e deveres do maçon.

Os veneraveis devem promover sempre as investiduras no grau de companheiro com a maior solenidade possivel, e com o rigor prescrito nos rituais, para conseguir que nos novos companheiros penetre o verdadeiro sentido e significação dos simbolos deste grau; e nos trabalhos ordinarios da loja devem tambem corrigir com doçura todos os defeitos que porventura se manifestem na educação maçonica dos irmãos que trabalhem sob a direcção.

É intuitivo que não é possivel exigir-se dos companheiros que, desde logo, conheçam as sciencias em toda a sua extensão e profundeza; porem, é necessario que sejam estimulados para que tenham amor ao estudo e diligenciem adquirir novos conhecimentos scientificos ou artisticos, para que sobresaíam no mundo profano, no officio, arte, ou profissão que exerçam e se distingam dos seus colegas para melhorar a sua posição social, porque o engrandecimento dum traz o engrandecimento da Ordem e, por esta forma, o de todos.

ADVERTENCIA

As sessões do grau de companheiro realizam-se ordinariamente em seguida aos trabalhos de aprendiz, mas se a noite for exclusivamente destinada aos trabalhos do segundo grau não é necessário abri-los no primeiro.

Quando se tenha de realizar uma sessão do segundo grau em seguida a uma de primeiro, os aprendizes são convidados pelo veneravel a cobrir o templo.

Os funcionarios da loja são os indicados no ritual de aprendiz respectivo e ocupam os mesmos lugares.

Os trabalhos que podem ser dados para ordem do dia numa sessão do segundo grau são :

1.º Exame dos candidatos que em camara de mestre tenham sido aprovados para ascenderem ao grau de companheiro.

2.º Iniciação no segundo grau, a qual deve ser sempre feita com toda a solenidade, depois de se convidarem os obreiros do quadro e das outras oficinas.

DECORAÇÃO DO TEMPLO

A decoraçào do templo do grau e companheiro é a mesma do grau de aprendiz, com as seguintes modificações :

No oriente, o triangulo luminoso é substituido pela estrela ra diante de cinco pontas, tendo no centro a letra G, isto para o rito escocês. Nas lojas do rito moderno aquela estrela está colocada, mesmo no templo de aprendiz, na parede Norte, ao Ocidente, á esquerda do vigilante, ocupando sempre o triangulo luminoso o seu lugar.

Numa mesa, colocada proximo do 1.º vigilante, devem pôr-se os utensilios destinados a servir nas cinco viagens: — maço e cinzel — esquadro e compasso — regua e alavanca — nivel — trolha.

No Ocidente devem colocar-se, nas paredes do templo, cinco cartões com as inscrições adiante indicadas no ritual.

O 1.º e 2.º cartão põem-se do lado do Norte, aquele proximo da balaustrada do Oriente e este proximo do vigilante; o 3.º, 4.º e 5.º do lado do Sul, proximo do vigilante o primeiro, o seguinte ao meio da distancia entre o Oriente e o Ocidente e o ultimo no extremo da coluna junto ao Oriente. Em lugar de se collocarem as inscrições nas paredes podem pôr-se em cavaletes apropriados dispostos por diante das bancadas.

O painel do segundo grau em pouco difere do primeiro : as romãs são substituidas na coluna B, pela esfera terrestre, e na coluna J, pela esfera celeste; entre o compasso e o esquadro fica a estrela radiante com o G no centro, havendo cinco degraus em lugar de três.

*Nota — O altar do veneravel deve ser rectangular e não triangular, como erradamente diz o Ritual de Aprendiz do rito escocês. Os interstícios de aprendiz para companheiro são três meses.*

MEMENTO DO SEGUNDO GRAU

Rito escocês

**Ordem** — A mão direita sobre o coração, com os dedos um pouco curvos. O antebraço esquerdo levantado, com a mão aberta á altura da testa, tendo a palma para fora e o polegar proximo da orelha.

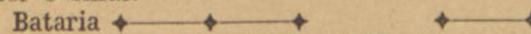
**Sinal** — Estando á ordem, retirar a mão direita horizontalmente sobre o flanco direito e deixá-la cair perpendicularmente, abaixando ao mesmo tempo a mão esquerda ao longo do corpo.

**Toque** — Tomar a mão direita da pessoa que se quer reconhecer e bater com o polegar cinco pancadas sobre a primeira falange do dedo medio, e introduzir em seguida entre esta e a do anular o dedo polegar, posição em que se dá a palavra de passe. O outro irmão coloca o polegar sobre a primeira falange do dedo medio e preme ligeiramente com a unha, o que equivale a pedir a palavra sagrada.

**Palavra sagrada** — Começa por J. Dá-se como no primeiro grau.

**Palavra de passe** — Começa por S.

**Marcha** — Estando á ordem, dar tres passos de aprendiz, principiando com o pé esquerdo, seguidos de dois obliquos, um á direita, partindo com o pé direito, e juntando-lhe depois o esquerdo, outro á esquerda, partindo com o pé esquerdo, juntando-lhe o direito — e, para saudar, fazer o sinal.

**Bateria**   
**Aclamação** — Huzê ! Huzê ! Huzê !

Idade — Cinco anos.

Tempo de trabalho — Começa ao meio dia e termina á meia noite.

Insignia — Avental de pelica branca com a abeta dobrada para baixo.

### Rito francês

Ordem — Coloca-se sobre o coração a mão direita, aberta, com os dedos unidos e o polegar afastado, para formar esquadria, e a mão esquerda caída.

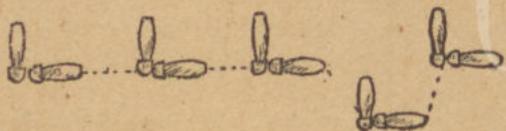
Sinal — Estando á ordem, retirar a mão direita horizontalmente para o flanco direito e deixá-la cair perpendicularmente.

Tóque — Tomar a mão direita da pessoa que se quer reconhecer e bater com o polegar três pancadas na primeira falange do dedo indicador, seguidas de duas sobre o medio.

Palavra sagrada — Começa por B. Dá-se como no primeiro grau.

Palavrade passe — Começa por S.

Marcha — Estando á ordem, dar três passos de aprendiz, partindo com o pé direito, seguidos de dois obliquos, um á direita, partindo com o pé direito, depois o outro á esquerda, partindo com o pé esquerdo, — e, para saudar, fazer o sinal.



Bateria  (É sempre simples).

Aclamação — Liberdade ! Igualdade ! Fraternidade !

Idade — Cinco anos.

Tempo de trabalho — Começa ao meio dia e termina á meia noite.

Insignia — Avental de pelica branca com a abeta dobrada para baixo.

## RITUAL DO SEGUNDO GRAU

### Abertura dos trabalhos

Reunidos os companheiros e mestres em numero sufficiente, tendo todos occupado os respectivos lugares, e depois de revestidos com as insignias dos seus graus, o veneravel dá um golpe de malhete  que é repetido pelos vigilantes.

Veneravel   ¿ Irmão 1.º vigilante, sois companheiro ?

1.º Vigilante — Conheço a letra G, veneravel mestre.

Veneravel — ¿ Irmão 2.º vigilante, que idade tendes ?

2.º Vigilante — Cinco anos, veneravel mestre.

Veneravel   ¿ Qual é o primeiro dever dum vigilante em loja de companheiro, irmão 1.º vigilante ?

1.º Vigilante — Assegurar-se se o templo está a coberto da indiscrição dos profanos e dos aprendizes.

Veneravel — Certificai-vos disso meu irmão.

O irmão 1.º vigilante diz ao cobridor que proceda a esta verificação, o qual, depois de a ter efectuado, dá aquele irmão, em voz baixa, conta do resultado do seu exame.

1.º Vigilante — O templo está a coberto, veneravel mestre.

Veneravel — ¿ Qual é o segundo dever dum vigilante em loja de companheiro, irmão 2.º vigilante?

2.º Vigilante — Assegurar-se se os irmãos presentes são companheiros e membros da loja, ou visitantes conhecidos.

Veneravel — ♦ — De pé e á ordem.

Irmãos 1.º e 2.º vigilantes, verificaí se os irmãos que decoram as vossas respectivas colunas são companheiros e membros da loja ou visitantes conhecidos.

Os dois vigilantes percorrem as colunas e pedem aos irmãos a palavra sagrada e de passe do segundo grau. Ao voltarem aos seus lugares o 2.º vigilante dá conhecimento do resultado do seu exame ao 1.º vigilante.

1.º Vigilante — ♦ — Veneravel mestre, os irmãos que decoram ambas as colunas são companheiros regulares.

Veneravel — O mesmo se dá no oriente.

¿ A que horas principiam os companheiros os seus trabalhos, irmão 1.º vigilante?

1.º Vigilante — Ao meio dia, veneravel mestre.

Veneravel — ¿ Que horas são, irmão 2.º vigilante?

2.º Vigilante — Meio dia, veneravel mestre.

Veneravel — Visto ser a hora de principiar o trabalho, irmãos 1.º e 2.º vigilantes, convidai os obreiros das vossas colunas, como eu convido os do Oriente, a unirem se a mim e a vós, para abrimos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja... ao vale de...

1.º Vigilante — Irmão 2.º vigilante e irmãos da minha coluna, da parte do veneravel mestre vos convido a unir-vos a ele e aos vigilantes, para abrir-mos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja... ao vale de...

2.º Vigilante — Irmãos da minha coluna, da parte do veneravel mestre vos convido a unir-vos a ele e aos vigi-

lantes, para abrimos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja...ao vale de...

O veneravel dá a bateria do grau, conforme o rito, que é repetida pelos vigilantes.

Veneravel — A mim, meus irmãos, pelo sinal, pela bateria e pela aclamação. (*Executa-se*). Os trabalhos de companheiro estão abertos. Sentemo-nos, meus irmãos.

Em seguida procede-se á leitura da acta e introdução dos visitantes como no primeiro grau.

### Preliminares da iniciação

Veneravel — ♦ — Meus irmãos, sob proposta do irmão 2.º vigilante, o aprendiz F... foi, pelos mestres, considerado apto para receber aumento de salario, tanto em virtude da sua antiguidade como pelo seu zêlo e assiduidade. Se não ha opposição á sua candidatura, vou mandá-lo entrar no templo, para que, depois de interrogado, possamos julgar se merece, pela sua instrução maçonica, ser promovido a companheiro.

Se ha opposição discute-sê e a loja delibera.

Veneravel — Irmão experto, ide buscar o candidato e fazei-o entrar no templo segundo o seu grau, tendo-lhe previamente pedido sinais toques e palavra.

### Entrada do candidato

O aprendiz, devidamente decorado, é conduzido pelo experto á porta do templo, onde bate segundo o seu grau.

1.º Vigilante — ♦ — Veneravel mestre, batem á porta do templo no grau de aprendiz.

Veneravel — Mandai saber quem assim bate.

O 1.º vigilante fez sinal ao guarda interno ou cobridor, que, abrindo o postigo, verifica quem bate, e depois comunica áquele irmão, em voz baixa, o resultado do seu exame.

1.º Vigilante — O aprendiz que acaba de bater á porta do templo, é irmão F..., que vem sujeitar-se ao exame para companheiro.

Veneravel — Dai-lhe entrada.

A um sinal do 1.º vigilante o cobridor abre a porta e o 1.º experto introduz o candidato que, depois de dar os passos de aprendiz, sauda o veneravel e os vigilantes, ficando entre colunas.

**Exame**

Veneravel — Meu irmão, não devemos conceder-vos o aumento de salario solicitado sem nos certificarmos se possuis os conhecimentos maçonicos relativos ao vosso grau actual. Tomai assento na cadeira que vos está destinada no meio do templo.

O veneravel interrogará o candidato :

- 1.º Sobre a instrução do grau que completa o ritual do primeiro grau
- 2.º Sobre os dois primeiros capitulos da Constituição ;
- 3.º Sobre a organização e o regime da loja e sobre as atribuições dos officiais :
- 4.º Sobre a parte do Regulamento Geral e regulamento da officina que se referir ás iniciações.

Os outros irmãos podem, depois de ter pedido regularmente a palavra, fazer perguntas, tomar esclarecimentos e formular objecções.

Veneravel — Irmão F..., agora ides cobrir o templo, a fim de podermos apreciar as vossas respostas.

Irmão mestre de cerimoniaes, conduzi o candidato fora do templo.

O candidato cobre o templo.

Veneravel — ♦ — ; Meus irmãos, tendes algumas observações a fazer acêrcia das respostas do aprendiz ?

Se ninguem pede a palavra, ou se mais ninguem quer usar dela, e se o escrutinio secreto não é regularmente reclamado, o veneravel continua.

Peço as conclusões do irmão orador sobre o aumento de salario para o aprendiz F...

O orador dá as conclusões.

Vou pôr á votação as conclusões do irmão orador. Os irmãos que aprovam a concessão do aumento de salario ao aprendiz F... darão o sinal de assentimento ao meu golpe de malhete — ♦ —

Se a votação for favoravel.

O aumento de salario foi concedido e portanto vai ser iniciado no grau de companheiro o aprendiz F...

Irmão mestre de cerimoniaes, ide buscar o recipiendario e dai-lhe entrada no templo sem formalidades.

**Iniciação**

O aprendiz entra á ordem, dá os três passos e sauda como na primeira vez.

Veneravel — Meu irmão, tenho o prazer de vos comunicar que os mestres e companheiros presentes deliberaram conceder-vos aumento de salario.

Vamos pois proceder á vossa iniciação no grau de companheiro, mas, antes disso, retomai o lugar onde ha pouco estivestes.

O recipiendario senta-se.

Reflectistes sem duvida sobre os simbolos da vossa primeira iniciação ; recordando-vos agora esses simbolos, mais facilmente comprehendereis o sentido da iniciação que vos vai ser dada.

A do primeiro grau representou o homem na sua infancia e a sociedade na sua origem.

A ignorancia, na primeira idade, estava figurada pela venda que vos cobria os olhos. A criança não sabe ver, nem apalpar, nem pode andar nem falar senão muito tempo depois do seu nascimento. O pensamento existe nela, mas

a reflexão e o raciocínio, que a guiam na vida, não são senão faculdades latentes.

Nas idades primitivas da humanidade, o homem, ainda no estado selvagem, não sabia mesmo vestir-se. Pelo emprego do fogo chegou a modificar as suas condições de existência, e, com elas, a sua própria natureza, que se modificou e aperfeiçou á medida das transformações e melhoramentos do meio onde vivia. Os primeiros passos no caminho da civilização foram dados em virtude da invenção dos instrumentos e das armas, que se obtinham, em primeiro lugar, quebrando a pedra dura pela ação do fogo, e depois pela percussão. Só depois é que o homem tratou de se vestir com os despojos dos animais que imolava para a sua segurança ou para as necessidades da alimentação. Depois, pouco a pouco, por transformações sucessivas, o descendente do ser primitivo elevou-se até se tornar o homem inteligente, moral e social.

Nas viagens simbólicas que fizestes para ser admitido no primeiro grau da iniciação devíeis ter reconhecido os esforços, as lutas, os combates do homem na sua juventude, e das sociedades no seu periodo de formação. Uma nação não tem só a temer a concorrência ou a hostilidade de seus vizinhos: muitas vezes tem mais a recear o efeito das suas próprias paixões, as violências dos seus próprios membros. ;Feliz aquela que não é perturbada pela ambição e orgulho dalguns! ;Feliz aquela que escapa á tirania dum homem ou duma casta!

Quando, enfim, vos foi dada a luz, patentearam-vos o caminho que devíeis percorrer para vos tornardes um homem moderno.

A luz permitiu-vos ler no livro da sciencia.

Ensinaram-vos a trabalhar na pedra bruta. Foi na idade da pedra bruta que a humanidade começou o curso das suas transformações progressivas.

Tal é, meu irmão, o sentido allegorico da entrada e dos primeiros passos na Maçonaria. Conservai sempre presente no espirito esta ideia dominante: todos os conhecimentos adquiridos devem tender ao desenvolvimento moral do individuo e ao aperfeiçoamento da sociedade.

Para vos iniciar no grau de companheiro deveis fazer cinco viagens simbólicas.

Estas viagens não são provas; figuram os trabalhos e

os estudos relativos ao grau que vos vai ser conferido.

Pitagoras, que foi um mestre das antigas iniciações, exigia dos seus discipulos cinco anos de preparação, a fim de que, fortificados pela meditação e pela experiencia, se tornassem capazes de, por sua vez, ensinar e dignos de ser ouvidos.

A explicação dos simbolos tomados aos instrumentos do trabalho material ajuntaremos, sucessivamente, a indicação sumaria das noções que o companheiro deve assimilar.

**1.ª Viagem**

Os cinco sentidos



Veneravel — Irmão 1.º experto, dai ao recipiendario o maço e o cinzel, e acompanhai-o na primeira viagem, começando pelo Sul.

O experto dá ao recipiendario estes dois instrumentos, o qual os toma com a mão direita; pega-lhe na mão esquerda e acompanha-o nesta viagem, começando pelo Sul; passam proximo do lugar dos expertos e voltam pelo Norte, parando diante do 1.º quadro, pedindo o experto ao recipiendario que leia em voz alta a inscrição. Em seguida condu-lo ao seu lugar, convidando-o a sentar-se, e retoma o maço e o cinzel, que vai colocar novamente sobre a mesa.

1.º Experto — Veneravel mestre, está feita a primeira viagem.

Veneravel — Meu irmão, esta viagem figura o primeiro ano de companheiro, o qual deve ser empregado em aprender a conhecer a qualidade dos materiais e a maneira de

os preparar. Durante a vossa aprendizagem deveis servir-vos desses dois instrumentos, o maço e o cinzel, para desbastar a pedra bruta. Como companheiro deveis empregá-los para dar á pedra já desbastada o polido e a elegancia da forma, isto é, deveis desenvolver, modificar e aperfeiçoar as vossas proprias faculdades.

A personalidade humana é caracterizada pelo desenvolvimento relativo, mas desigual, dos sentidos. É pelos sentidos que adquirimos o conhecimento do mundo exterior. São para nós os meios do desenvolvimento das faculdades e do pensamento. Os filosofos antigos já tinham assinalado este facto, notando que no espirito do homem nada havia que não procedesse da acção dos sentidos: noutros termos, os nossos pensamentos provêm de esforços reflexos, tendo por causa inicial e excitação produzida por impressões que os orgãos dos sentidos recebem dos objectos exteriores.

Estudar os sentidos, é, portanto, estudar os modos materiais de percepção e da produção das ideas. Quando bem os conhecermos, podemos desenvolver e aperfeiçoar as nossas faculdades intellectuais e morais.

O estudo fisico do homem mostra-nos que os sentidos podem, até certo ponto, substituir-se uns aos outros; por exemplo: as ideas que provêm ordinariamente do sentido da vista podem num cego provir do sentido do tacto. A distincção dos cinco sentidos não é pois absoluta.

Os outros sentidos não são mais do que transformações do sentido primordial, do tacto, que é o unico sentido dos animais mais inferiores. Todos os sentidos se ligam ao sistema nervoso, que existe mais ou menos desenvolvido nos diferentes degraus da escala animal.

Nos corpos dos animais superiores, no do homem principalmente, existe um tecido especial, no cerebro, na medula espinal e nos ganglios nervosos, espalhados sob a forma de filamentos cada vez mais delgados, os nervos, até as partes extremas do organismo. Esses nervos recebem nas suas extremidades as impressões produzidas por agentes exteriores e transmitem-nas aos centros nervosos a que se ligam. Ali, estas impressões transformam-se em sensações. A sensação determina no centro nervoso a produção duma acção excitadora, duma acção motriz dos musculos, que se traduz por um movimento de retraimento, se

a sensação é desagradavel; por um grito de dôr, se é dolorosa; por um movimento de avanço, se é agradavel.

Passemos rapidamente em revista os cinco sentidos e as faculdades que a eles se ligam. A sintese destas faculdades é para o homem o conhecimento da natureza e de si mesmo.

O *tacto* é o primeiro sentido que se desenvolve na criança. É, se não o mais delicado, pelo menos o mais seguro, aquele cujas indicações, sempre exactas, nunca nos traem. É pelo tacto que adquirimos a idea da nossa individualidade, que distinguimos claramente a nossa pessoa dos objectos exteriores.

A *vista* e o ouvido permitem que conheçamos melhor o mundo exterior do que pelo tacto. São tambem os mais poderosos meios de comunicação com os nossos semelhantes; a vista, pela percepção dos sinais e da escrita; o ouvido, pela percepção dos sons e da linguagem articulada. Dão-nos tambem os nobres gozos da arte, sob as diferentes formas da eloquencia e da poesia.

O *olfacto* e o *gosto*, embora em menor grau, concorrem para a protecção do corpo, para a conservação da nossa existencia e para os nossos prazeres.

Os sentidos são pois os factores da nossa intelligencia e os agentes das nossas faculdades. O desenvolvimento do pensamento está, portanto, ligado ao seu bom exercicio e á sua sã educação.

Aprendeí a conhecer-vos, e compenetrar-vos desta maxima: sou homem, é nada do que se refere á humanidade me deve ser estranho.

## 2.ª Viagem

As artes

II

AS ARTES

SUA UTILIDADE SOCIAL

Veneravel — Irmão 1.º experto, dai ao recipiendario o esquadro e o compasso, e acompanhai-o na segunda viagem.

Esta viagem faz-se como a primeira e param diante do 2.º quadro, cuja inscriçao é lida pela mesma forma. Em seguida o experto conduz o recipiendario ao seu logar, convidando-o a sentar-se e retoma os instrumentos que vai colocar sobre a mesa.

1.º Experto — Veneravel mestre, está feita a segunda viagem.

Veneravel — Irmão 1.º vigilante, dai-nos a significação simbolica desta viagem.

1.º Vigilante — Meu irmão, o esquadro de que fostes portador nesta segunda viagem é o emblema da rectidão e serve para verificar se os materiais estão em esquadria. O compasso serve para tomar exactamente as medidas e verificar a certeza das paralelas: é o emblema da exactidão. Estes dois emblemas simbolizam a justiça e a verdade, que a Maçonaria se esforça por efectivar e propagar cada vez mais na humanidade.

As artes, cujo estudo vos é presentemente recomendado, não são só poderosos meios de educação para o individuo, servem tambem para o desenvolvimento das sociedades. É por elas que se manifestam as civilizações passadas, em virtude dos monumentos notaveis que chegaram até nós. Estudar as artes é estudar a humanidade.

Depois da satisfação dos sentidos, a arte é a primeira necessidade do homem. Pela grandeza ou harmonia das proporções dos contornos, do colorido e dos sons, a arte deleita os sentidos que recebem a sua impressão, e a intelligencia, que comprehende a preceitos a que obedece. Dá ao homem o desejo e o sentimento do ideal. Eleva-o acima das cousas mundanas e fá-lo sentir as emoções mais nobres e mais agradaveis. É pelas seducções da architectura, da escultura, da pintura, da musica, da poesia e da eloquencia que as religiões por muito tempo cativaram os espiritos.

Nos nossos dias, as artes de medicina e cirurgia suavizam consideravelmente os sofrimentos fisicos do homem. A engenharia, que criou a ponte, a estrada, o canal, a via ferrea e as applicações multiplas do vapor e da electrici-

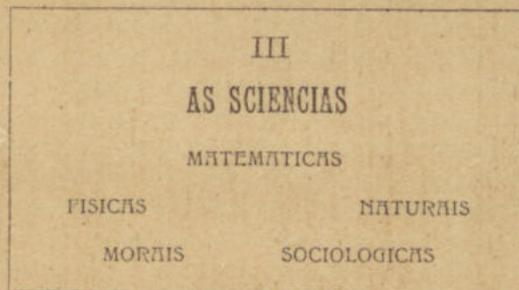
dade, modificou extraordinariamente as condições de ser da humanidade. O obstaculo da distancia está hoje reduzido duma maneira maravilhosa, quasi suprimida, para a comunicação do pensamento.

A humanidade tem hoje a temer menos o flagelo da fome, outrora tão frequente e tão funesto. ; Que influencia terão ainda novas descobertas no progresso geral da humanidade !

Por conseguinte dêmos tambem um lugar de honra á arte nos nossos trabalhos e na educação das novas gerações. Se os sentidos são os meios do desenvolvimento individual, as formas multiplas da arte são os meios do desenvolvimento social.

3.ª Viagem

As sciencias



Veneravel — Irmão experto, dai ao aprendiz a regua e a alavanca, e acompanhai-o na terceira viagem.

Esta viagem faz-se como a anterior. O experto convida o recipiendario a ler a inscriçao do 3.º quadro e condu-lo ao seu logar depois de caminharem pelo Norte.

1.º Experto — Veneravel mestre, está feita a terceira viagem.

Veneravel — Esta viagem, meu irmão, simboliza o estudo da natureza, cujo conhecimento vos é dado pelas sciencias, representadas aqui pela regua, emblema do juizo recto, e pela alavanca, emblema do poder do trabalho, com a qual se poderia levantar o mundo, como

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÓNIO  
ROSA  
MENDES  
— OLHÃO —

disse Arquimedes, se para isso tivéssemos um ponto de apoio.

As sciencias classificam-se em diferentes ordens.

As sciencias *matematicas* estudam as propriedades dos numeros pela aritmetica, as propriedades das grandezas abstractas pela algebra, as propriedades da extensão pela geometria e as propriedades das forças pela mecanica. Este estudo eleva-se até o conhecimento dos mundos pela astronomia e pela mecanica celeste, sciencias que nos ensinam que na maravilhosa harmonia dos movimentos dos astros só ha a applicação simples, mas fatal, das leis mecanicas elementares, que regulam não só as condições de existencia desses inumeros corpos, mas tambem a sua produção e a sua transformação.

As sciencias *fisicas* levam as suas investigações ás propriedades da materia bruta, abstraindo das suas formas e dos seus caracteres especificos. A fisica propriamente dita estuda a acção das forças exteriores sobre a materia, mostra-nos que todos os fenomenos, que á primeira vista parecem tão misteriosos, todos os efeitos do calor do som, da luz e da electricidade, são regulados por leis muito simples, mas sempre absolutas, cujo efeito necessario se pode prever em cada caso particular.

A quimica estuda as acções da materia sobre si mesma; explica a produção e a combinação dos corpos por leis, cuja applicação permite produzir hoje artificialmente substancias que se julgava noutros tempos não poderem resultar senão da vida animal ou vegetal.

As sciencias *naturais* perscrutam a materia viva.

A geologia e a mineralogia permitem-nos conhecer a estrutura do globo terrestre e a natureza das suas partes constitutivas; a paleontologia junta se a elas para nos explicar as multiplas e consideraveis mudanças que o planeta sofreu através duma serie quasi incomensuravel de seculos.

A botanica, a zoologia, a anatomia, a fisiologia e a biologia ensinam-nos as leis do desenvolvimento da vida dos seres. Por elas sabemos que os fenomenos vitais, outrora sem explicação, e que se attribuiam a causas hipoteticas (principio excitador ou princio moral, alma, espiritos animais), estão subordinados a acções fisicas e quimicas. Sabemos, por exemplo, que o movimento dos animais se produz, gra-

ças ao calor resultante de combustões quimicas efectuadas nos tecidos, transformando-se em trabalho mecanico pela acção dos musculos.

As sciencias *morais* tem por objecto a inteligencia humana.

A psicologia e a logica estudam as faculdades intellectuais e as leis que presidem ás suas operações: ajudam-nos a dirigir convenientemente o pensamento.

A moral propriamente dita investiga o mobil das nossas acções, explica o merito e a falta dele, e ensina-nos o direito e o dever.

A filosofia, por uma elaboração incessante, tira da synthese dos nossos conhecimentos as ideas dominantes e ensina-nos a ligar entre si as leis gerais que são, tanto na ordem moral como na ordem fisica, as relações necessarias derivadas da natureza das cousas.

As sciencias *sociologicas* occupam-se das relações dos seres humanos vivendo em colectividade. Tem como auxiliar a historia, que mostra as causas da grandeza e da decadencia das aggregações humanas. Estas sciencias, das quais as principais são a politica, o direito e a economia social, estão sob o acção dos mesmos metodos de observação e de dedução que as outras sciencias, tendem para o conhecimento exacto das leis que se applicam á organização, ao funcionamento e á evolução das sociedades.

#### 4.ª Viagem

Os benemeritos da humanidade

IV	
<b>OS BENEMERITOS DA HUMANIDADE</b>	
INVENTORES	ARTISTAS
SABIOS	MORALISTAS
HOMENS POLITICOS	

Veneravel — Irmão 1.º experto, dai ao recipiendario o nivel, e acompanhai-o na quarta viagem.

Procede-se como nas viagens anteriores, lendo-se desta vez a inscrição do 4.º quadro.

1.º Experto — Veneravel mestre, está feita a quarta viagem.

Veneravel — Irmão 2.º vigilante, explicaí o sentido allegorico desta viagem.

2.º Vigilante — Meu irmão, o nivel de que fostes portador nesta viagem simboliza a igualdade social.

Esta igualdade não consiste sómente na paridade dos direitos e na equivalencia dos deveres entre os membros da sociedade: implica o levantamento dos fracos, o melhoramento dos deserdados da sorte e dos desgraçados. É a igualdade ascendente da cheia do Nilo que leva a fecundidade aos lugares até onde ela se estende.

Os benemeritos da humanidade esboçaram esta obra até o presente; os sucessores a levarão ao seu fim progressivamente.

Honremos pois os *inventores*, que aplicam as leis da natureza á utilidade e bem estar da humanidade. — ; Que serviços não prestaram os inventores da forja, da charrua, da roda, da nevegação, e, em tempos mais modernos, os da bussola, da imprensa, da maquina a vapor e dos aparelhos electricos!

Honremos os *artistas*, que, possuidos do sentimento do belo, o comunicam aos outros homens.

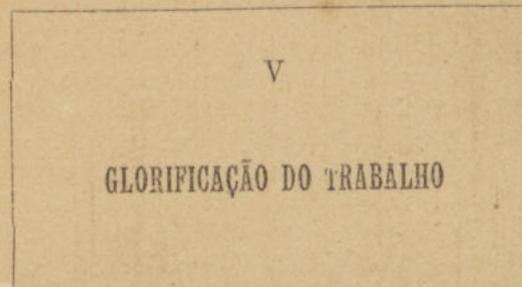
Honremos os *sabios*, que observam os fenomenos da natureza e que deles deduzem as leis.

Honremos os *moralistas*, que determinam cada vez mais precisamente as condições da humanidade e as virtudes que ela deve praticar

Honremos finalmente os *homens politicos*, que, sem outra ambição senão a de servir a sua patria e a de aperfeiçoar o estado social, empregam as suas faculdades em organizar, em legislar, ou em governar a colectividade a que pertencem.

Quinta viagem

Glorificação do trabalho



Veneravel — Irmão 1.º experto, entregai ao recipiendario a trolha, e acompanhai-o na quinta e ultima viagem.

Procede-se como nas viagens anteriores, lendo-se desta vez a inscrição do 5.º quadro.

1.º Experto — Veneravel mestre, está concluida a quinta viagem.

Veneravel — Meu irmão, a trolha que levastes nesta ultima viagem é o instrumento com que se lança a argamassa e o cimento para unir as pedras, com que se põe o reboco e se alisam as superficies. É com ela que o construtor acaba e aperfeiçoa o seu trabalho: simboliza para nós a glorificação do trabalho.

A humanidade não subsiste e não se aperfeiçoa senão pelo trabalho; ele é o vencedor da natureza. É ele que nos torna melhores, que nos protege contra o vicio, que nos garante a liberdade, que nos ensina a igualdade, e nos prepara para a fraternidade.

Nas colonias animais as tarefas são divididas, e cada individuo tem o seu cargo a execução dum trabalho adequado ás suas aptidões especiais. Assim, entre as abelhas, as obreiras recolhem o suco e o polen das flores, elaboram o mel e a cera, constroem os favos, cuidam dos ovos postos pela abelha mestra, criam e sustentam as larvas, que são a esperança do futuro: as outras, a abelha mestra e os machos, tem por função assegurar o renovamento da colonia. O mesmo sucede na sociedade humana: cada homem tem a sua tarefa a executar, a sua função a desem-

penhar, e nenhum deve ficar ocioso. A obra mais insignificante tem sempre uma certa utilidade social.

Glorifiquemos o trabalho e louvemos aqueles que o executam. Censuremos, pelo contrario, aqueles que são inuteis na sociedade e que aí representam o papel dos zangãos, que as abelhas repelem das colmeias.

Mas que esta glorificação do trabalho não seja uma vã homenagem rendida aos trabalhahores. Apreendamos bem a significação deste simbolismo. Vivendo as sociedades humanas sómente do trabalho dos seus membros, devem preparar os obreiros do futuro pela educação e instrução; devem impedir que sejam oprimidos, fazendo tudo quanto seja possível para lhes melhorar a sorte; devem, enfim, pôr ao abrigo das necessidades aqueles que, pela idade ou por outros accidentes, se tornarem os invalidos do trabalho. *(Pausa)*.

Meu irmão, levantai-vos e contemplai a estrela radiante que o irmão experto vos vai mostrar. *(Executa-se)*.

O emblema que ali vedes é a nossa estrela polar. É o astro do pensamento livre, desprendido já dos preconceitos e das superstições.

A letra G, que se vê no centro, é o monograma de gravitação, de geometria, de geração, de genio e de gnose.

A gravitação é a forma primordial que rege o movimento e o equilibrio da materia. É ela que preside ás revoluções da Terra e de todos os corpos celestes.

A geometria é o fundamento da sciencia positiva; sem ella o espirito humano perder-se-ia em vãs especulações. É por isso que Pitagoras escreveu sobre a porta do seu templo: «Só entra aqui quem conhece a geometria».

A geração é a força vital perpetuando a serie dos seres. Devemos conhecer os seus fenomenos para decifrar o enigma da vida.

O genio é a intelligencia humana brilhando no seu mais vivo esplendor. O homem que dele é dotado deve empregá-lo a guiar os outros no caminho da justiça e da verdade.

A gnose, etimologicamente derivada da lingua dos primeiros filosofos, é o conhecimento moral mais extenso, a impulsão que leva o homem a aprender cada vez mais, e o principal factor do progresso. *(Pausa)*.

Visto que conheceis a letra G, ides ser recebido no grau de companheiro.

Irmão mestre de cerimonia, acompanhai o recipiendario ao Oriente para prestar o seu compromisso.

O mestre de cerimonia cumpre esta ordem.

Veneravel —♦— De pé e a ordem, meus irmãos.

Meu irmão, ponde a mão direita sobre este nivel e esta trolha, e a mão esquerda sobre o coração.

Vou ler a formula do vosso compromisso.—Direis em seguida: Prometo.

### Compromisso

Sobre este nivel, emblema da igualdade social, e sobre esta trolha, emblema do trabalho perfeito, prometo conformar-me com os conhecimentos que acabam de me ser dados.

Prometo tambem não revelar a pessoa alguma os mysterios do grau do companheiro. Prometeis?

Aprendiz — Prometo.

Veneravel — A vossa promessa fica registada na acta.

O veneravel pega na sua espada com a mão esquerda, estende-a por sobre a cabeça do candidato, toma o malhete na mão direita, e pronuncia a seguinte formula:

*Universi Terrarum Orbis Architectonis ad Gloriam Ingentis*<sup>1</sup>. Em nome e sob os auspicios do Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa, e em virtude dos poderes que me foram conferidos, eu vos recebo e constituo companheiro maçõn.

Seguidamente o veneravel bate com um malhete as cinco pancadas simbolicas sobre a lamina da espada e com ella toca ligeiramente sobre a cabeça do recipiendario.

Veneravel —♦— Sentemo-nos, meus irmãos.

Irmão 1.º experto, dai o triplice abraço fraternal ao nosso irmão F..., em nome de todos os companheiros. *(Executa-se)*.

<sup>1</sup> No rito francês não se pronuncia esta frase. No ritual de mestre pronunciar-se-ha ou não, conforme se estiver trabalhando no rito escocês ou no rito francês.

Meu irmão, agora, como companheiro, deveis trazer a abeta do avental dobrada para baixo. (*Dobra se*).

Neste grau temos, para nos reconhecermos, duas palavras, um sinal e um toque. Vão ser-vos comunicados pelo irmão experto, que também vos ensinará a marcha, a bateria deste grau, e a vossa idade simbólica.

Irmão 1.º experto, cumpri o vosso dever.

O experto conduz o novo companheiro ao meio do templo, e faz-lhe as comunicações prescritas no *Memento* do presente ritual, a p. 9, verificando em seguida se foram bem compreendidas.

1.º Experto — Veneravel mestre, a palavra de passe e a sagrada, o sinal e o toque estão justos e perfeitos.

Veneravel — Irmão mestre das cerimónias, conduzi o novo companheiro entre colunas e colocai-vos á sua esquerda. (*Executa-se*).

Veneravel — ♦ — De pé e a ordem, meus irmãos.

Irmãos 1.º e 2.º vigilantes, convidai os irmãos das vossas colunas e reconhecer de hoje em diante, como companheiro, o irmão F... presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salario por uma calorosa bateria.

Os vigilantes repetem o anuncio. O veneravel dá a bateria do grau, que é repetida pelos vigilantes.

Veneravel — A mim, meus irmãos, pelo sinal, pela bateria e pela aclamação.

Executada esta ordem, o novo companheiro agradece, juntamente com o mestre de cerimónias, e o veneravel fez cobrir a sua bateria. — Depois ordena que o mestre de cerimónias o conduza ao extremo da columna do Sul, e convida os irmãos a sentarem-se.

O veneravel dá depois a palavra ao orador, ou a qualquer outro irmão que a tenha pedido.

É conveniente que nos discursos se faça sobresair a importancia do grau de companheiro e se desenvolvam os assuntos indicados nas explicações das viagens.

Antes de encerrar os trabalhos passa-se á instrução do grau que acompanha o presente ritual. O interrogatorio relativo á instrução é feito pelo veneravel, devendo as perguntas ser dirigidas aos companheiros presentes. Quando as respostas forem deficientes, fálhas ha rectificar pelos mestres ou vigilantes.

## Encerramento dos trabalhos

Quando a ordem do dia está esgotada, o veneravel, como na sessão de primeiro grau, dá a palavra a bem da Ordem em geral e da loja em particular, mandando seguidamente proceder á circulação do sacco das proposições e do tronco de beneficencia, também chamado da viuva.

O veneravel dá um golpe de malhete — ♦ — que os vigilantes repetem sucessivamente.

Veneravel — ; Irmão 1.º vigilante, a que horas acabam os companheiros os seus trabalhos?

1.º Vigilante — Á meia noite, veneravel mestre.

Veneravel — ; Que horas são, irmão 2.º vigilante?

2.º Vigilante — Meia noite, veneravel mestre.

Veneravel — Visto ser a hora do repouso, irmãos 1.º e 2.º vigilantes, convidai os obreiros que decoram as vossas colunas, como eu convido os do Oriente, a juntar-se a mim e a vós para encerrarmos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja..., ao vale de...

Os vigilantes repetem o anuncio.

Veneravel — ♦ — De pé e á ordem.

Em seguida o veneravel dá a bateria do grau, que é sucessivamente repetida pelos vigilantes

Veneravel — A mim, meus irmãos, pelo sinal, pela bateria e pela aclamação. (*Executa-se*).

Os trabalhos estão encerrados.

Retiremo-nos em paz, meus irmãos, sob a promessa do silencio e da discrição.

## INSTRUÇÃO DO SEGUNDO GRAU

N. B. — As respostas impressas em italico dever dar-se textualmente

P. — Sois companheiro ?

R. — *Conheço a letra G.*

P. — ¿ Que significa essa letra ?

R. — (Veja-se o Ritual p. 26).

P. — ¿ Como fostes recebido companheiro ?

R. — Passando da coluna do Norte á coluna do Sul, depois de ter feito cinco viagens.

P. — ¿ Qual é o sentido geral dessas viagens ?

R. — Figuram os trabalhos e os estudos que dizem respeito ao grau de companheiro.

P. — ¿ Que significa a primeira viagem ?

R. — Pelo maço e pelo cinzel com que é feita, significa que o companheiro se deve aperfeiçoar, esforçando-se por fazer desaparecer, como asperezas incomodas, os seus defeitos, preconceitos e erros. A este trabalho deve juntar-se o estudo dos sentidos, que conduz ao conhecimento da personalidade humana e que explica a formação das ideas.

P. — ¿ Que significa a segunda viagem ?

R. — Pelo esquadro e compasso, simboliza a procura da justiça e da verdade. Mostra tambem que, nos seus

estudos, o companheiro deve aplicar-se, em grande parte, ás artes, tanto as que tem por objecto a expressão do belo, como as que tendem para a realização do util, porque tanto umas como outras são necessarias ao desenvolvimento da humanidade.

P. — ¿ Que significa a terceira viagem.

R. — Pela regua, emblema do juizo recto, e pela alavanca, emblema do poder do trabalho, simboliza o estudo da natureza. A este estudo ligam-se as diferentes sciencias, cujos principios gerais não devem ser desconhecidos do companheiro.

P. — ¿ Que significa a quarta viagem?

R. — Pelo nivel, figura os esforços que devemos fazer para realizarmos progressivamente a igualdade social. Serve tambem para honrar a memoria e lembrar o exemplo dos benemeritos da humanidade.

P. — ¿ Que significa a quinta viagem?

R. — Pela trolha, marca o remate do trabalho. Proclama a sua glorificação, que implica o levantamento moral dos trabalhadores deserdados ou desprotegidos da sorte.

P. — ¿ Depois das cinco viagens, que vos mandaram fazer?

R. — Fizeram-me contemplar a estrela radiante.

P. — ¿ Que significa esse emblema?

R. — É a nossa estrela polar, astro do pensamento livre.

P. — ¿ Como se fazem reconhecer os companheiros?

R. — *Por duas palavras, um sinal e um toque.*

P. — Dai-me a palavra de passe.

R. — S...

P. — ¿ Que significa?

R. — Numerosos como as espigas de trigo.

P. — Fazei o sinal. (*Faz-se.*)

P. — Dai o toque ao vigilante da vossa coluna. (*Dá-se.*)

Vigilante — O toque está justo, veneravel mestre.

P. — Dai-me a palavra sagrada do rito escocês.

R. — *Dizei-me a primeira letra, eu vos direi a segunda.*

P. — ¿ Que significa essa palavra?

R. — Estabilidade e firmeza. E' o nome duma coluna do templo de Salomão.

P. — ¿ No rito francês qual é o que significa?

R. — B... e significa perseverança no bem. É tambem o nome duma coluna do templo de Salomão, junto do qual os companheiros recebiam seu salario. (*Dá-se como a do primeiro grau.*)

P. — ¿ Porque é que o numero cinco caracteriza o grau de companheiro?

R. — Porque indica uma progressão sobre o numero três, juntando-lhe o primeiro dos numeros pares. Nos tempos antigos era o emblema da união conjugal.

P. — ¿ Que significa o cordão, terminado por duas borlas, que guarnece o templo?

R. — Pelos seus nós simboliza a união que liga todos os maçons, formando uma só familia. Circunda o templo para mostrar que esta união se estende por toda a superficie da Terra.

P. — ¿ Porque se juntam os companheiros na coluna Sul?

R. — Porque, mais instruidos do que os aprendizes e melhor habituados á luz, podem, sem perigo e sem perturbações, receber os seus raios mais vivos.

P. — ¿ Porque tem o aprendiz a abeta do avental levantada, e porque a tem voltada para baixo o companheiro?

R. — Porque, no sentido material, o aprendiz tem necessidade de se cobrir melhor com o avental, em virtude de se ocupar em trabalhos mais grosseiros que o companheiro.

P. — ¿ Que idade tendes?

R. — *Cinco anos.*

P. — ¿ Como trabalham os companheiros sob a direção dos mestres?

R. — Com ardor, alegria e liberdade.

P. — ¿ Recebestes o vosso salario?

R. — *Estou contente.*

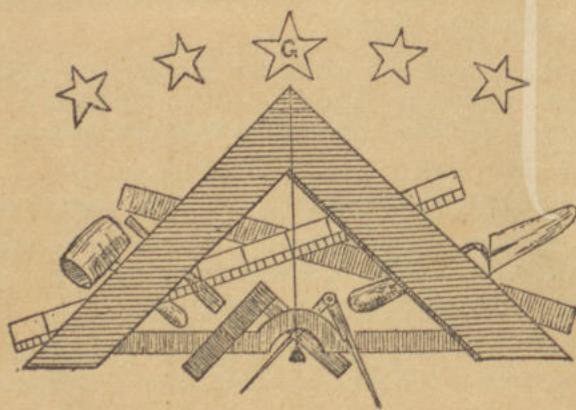
P. — ¿ Onde o recebestes?

R. — Na coluna do Sul.

P. — ¿ Nada mais esperais dos vossos irmãos?

R. — Espero a hora em que, já suficientemente instruído do que deve saber um companheiro, eu seja admitido a partilhar os trabalhos dos mestres na Camara do Meio.

Veneravel — Tudo chega para quem sabe esperar.



### INDICE

	Pag.
Aos Maçons portuguezes (Dedicatoria).....	3
Do companheiro maçon.....	5
Advertencia.....	8
Decoração do templo.....	8
Memento do segundo grau.....	9
Rito escocês.....	9
Rito francês.....	10
Ritual do segundo grau.....	11
Abertura dos trabalhos.....	11
Preliminares da iniciação.....	13
Entrada do candidato.....	13
Exame.....	14
Iniciação.....	15
1.ª viagem — Os cinco sentidos.....	17
2.ª viagem. — As artes.....	19
3.ª viagem. — As sciencias.....	21
4.ª viagem. — Os benemeritos da humanidade.....	23
5.ª viagem. — Glorificação do trabalho.....	25
Compromisso.....	27
Encerramento dos trabalhos.....	29
Instrução do segundo grau.....	31
Indice.....	35

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÓNIO

ROSA

MENDES

— OLHÃO —

## OBRAS DO MESMO AUTOR

---

Ritual do Grau de Companheiro (2. <sup>a</sup> edição).....	\$20
Ritual do Grau de Mestre (2. <sup>a</sup> edição).....	\$20
Rituais de inauguração de templo, instalação de loja, instalação de oficiais, adopção de lowton, banquete maçónico (1 vol.).....	\$20
Ritual do Grau de Rosa-Cruz.....	\$30

As encomendas de 10 ou mais exemplares de cada uma das obras tem o desconto de 10 por cento para o cofre da beneficencia da oficina que fizer a requisição.

Veneravel

A LITURGIA MAÇONICA

RITUAL DO    
GRAU DE     
COMPANHEIRO

ARQUIVO MUNICIPAL  
PARA OS RITOS \* \*  
ESCOCÊS E FRANCÊS

ANTÓNIO

COMPILADO PELO  
IR. MATOS FERREIRA

ROSA

3.ª EDIÇÃO

MENDES



OLHÃO



LISBOA—19.1

A LITURGIA MAÇONICA

RITUAL DO    
GRAU DE     
COMPANHEIRO

ARQUIVO MUNICIPAL PARA OS RITOS \* \*

ESCOCÊS E FRANCÊS

COMPILADO PELO  
IR.º MATOS FERREIRA

3.ª EDIÇÃO



LISBOA—1921

ANTÓNIO  
ROSA  
MENDES

OLHÃO

ARQUIVO MUNICIPAL

RITUAL DO  
GRAU DE  
COMPANHEIRO

COMPILO DO PELO  
R. MATEUS FERREIRA



1891-1891

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÔNIO  
ROSA  
MENDES

OLHÃO

do grau de aprendiz, o homem deixa o mundo profano pelo maçônico, ou, simbolicamente falando, passa das trevas à luz.

No grau de aprendiz, o homem deixa o mundo profano pelo maçônico, ou, simbolicamente falando, passa das trevas à luz.

Se soube aproveitar os conselhos e se foi zeloso no trabalho e no desejo de se instruir, é guiado ao lugar que ocupam os companheiros pela mão do mestre. Se ao terminar o prazo fixado para a sua educação maçônica esta é julgada suficiente, os mestres instruem-nos no uso dos instrumentos, tanto no sentido proprio como no simbolico.

O companheiro dirige e vigia os aprendizes, tornando-se assim um auxiliar dos mestres.

Recebe novas palavras, novos sinais, novo salario. O seu avental, com a abeta dobrada, indica o obreiro laborioso e diligente, entregue com fervor ao estudo e á pratica da sua arte. Ao trabalho propriamente manual vem juntar-se o conhecimento da sciencia. Está já numa esfera mais elevada e não avança com timidez e vacilação; está mais seguro do caminho que percorre e mais proximo do ponto que pertende atingir. Para ele tudo é estímulo, animo e esperança.

O grau de companheiro, segundo da serie simbolica, é universal, pois faz parte de todos os ritos. Representa a segunda idade do homem e resume o estudo dos seus deveres para com os outros e para consigo mesmo.

Segundo a tradição, os aprendizes que trabalhavam na

construção do templo de Salomão passavam a usar novos instrumentos e a executar outros trabalhos quando ascendiam a companheiros. Então uns desbastavam as pedras ainda nas pedreiras, e outros afeiçãoavam com maior justeza as pedras desbastadas pelos aprendizes.

A instrução deste grau revela a sua missão altamente pacífica e civilizadora e deixa entrever mais claramente, do que a do grau de aprendiz, os nobres ideais da Maçonaria.

Segundo Ragon, o grau de companheiro tem por objecto o estudo das sciencias naturais e a investigação da origem e da causa de todas as cousas. E' dedicado á interpretação dos simbolos, á aquisição do conhecimento de nós mesmo e dos homens uteis á humanidade, e por ultimo ensina a compreender os grandes serviços que a Maçonaria pode prestar ao genero humano, contribuindo eficazmente para o seu bem-estar, por meio do trabalho, da sciencia e da virtude.

O maçõn é um filosofo pratico que, com o auxilio dos emblemas adoptados em todos os tempos pelos sabios, construi, de conformidade com as leis da natureza e da razão, o edificio moral dos seus conhecimentos; e na relação harmonica e simetrica que guardam entre si as partes distintas deste edificio racional deve o maçõn buscar o principio e a regra de todos os seus deveres, e o manancial de todos os seus direitos.

O companheiro deve aplicar as preciosas conquistas da intelligencia adquiridas no mundo fisico, a fim de alcançar o seu aperfeiçoamento moral. Deve amar a sciencia, despojando-a dos preconceitos escolasticos e proclamar a virtude; transformar as rudezas do espirito na suave tolerancia com todas as opiniões; rectificar as suas acções por meio do esquadro, quando estas se desviem do cumprimento dos deveres, e medir, servindo-se do compasso, tanto os seus proprios sentimentos como os dos seus irmãos, sendo justo equitativo e lial.

Para ser digno do grau de companheiro é indispensavel ter em vista que todos os direitos são inseparaveis dos deveres e que temos necessariamente de respeitar os di-

reitos dos outros para que estes reconheçam os nossos. Por isso nenhuma legislação pode criar direitos nem deveres; unicamente os promulga, expressando apenas a lei o modo de os tornar efectivos.

Logo que o companheiro possui o conhecimento exacto do grau, é-lhe permitida uma nova e nobre ambição. A mestria, terceiro e ultimo grau da maçonaria simbolica, vem então a constituir toda a sua esperança. Um companheiro bem formado virá a ser, sem duvida, um excelente mestre maçõn.

Do que deixamos exposto se infere a importancia que tem o grau de companheiro, elo indispensavel da cadeia maçõnica, que ha de formar-se de mestres instruidos e dignos de obter o gozo do exercicio de todos os direitos e deveres do maçõn.

Os veneraveis devem promover sempre as investiduras no grau de companheiro com a maior solenidade possivel, e com o rigor prescrito nos rituais, para conseguir que nos novos companheiros penetre o verdadeiro sentido e significação dos simbolos deste grau; e nos trabalhos ordinarios da loja devem tambem corrigir com doçura todos os defeitos que porventura se manifestem na educação maçõnica dos irmãos que trabalhem sob a direcção.

E' intuitivo que não é possivel exigir-se dos companheiros que, desde logo, conheçam as sciencias em toda a sua extensão e profundeza; porem, é necessario que sejam estimulados para que tenham amor ao estudo e diligenciam adquirir novos conhecimentos scientificos ou artisticos para que sobresaíam no mundo profano, no officio, arte, ou profissão que exerçam e se distingam dos seus colegas para melhorar a sua posição social, porque o engrandecimento dum traz o engrandecimento da Ordem e, por esta forma, o de todos.

6

## ADVERTENCIA

As sessões do grau de companheiro realizam-se ordinariamente em seguida aos trabalhos de aprendiz, mas se a noite for exclusivamente destinada aos trabalhos do segundo grau não é necessário abri-los no primeiro.

Quando se tenha de realizar uma sessão do segundo grau em seguida a uma do primeiro, os aprendizes são convidados pelo veneravel a cobrir o templo.

Os funcionarios da loja são os indicados no ritual de aprendiz respectivo e ocupam os mesmos lugares.

Os trabalhos que podem ser dados para ordem do dia numa sessão do segundo grau são:

1.º Exame dos candidatos que em camara de mestre tenham sido aprovados para ascenderem ao grau de companheiro.

2.º Iniciação no segundo grau, a qual deve ser sempre feita com toda a solenidade, depois de se convidarem os obreiros do quadro e das outras oficinas.

## DECORAÇÃO DO TEMPLO

A decoração do templo do grau de companheiro é a mesma do grau de aprendiz, com as seguintes modificações:

No oriente, o triangulo luminoso é substituído pela estrela radiante de cinco pontas, tendo no centro a letra G; isto para o rito escocês. Nas lojas do rito moderno aquela estrela está colocada, mesmo no templo de aprendiz, na parede Norte, ao Occidente, á esquerda do vigilante, ocupando sempre o triangulo luminoso o seu lugar.

Numa mesa, colocada proximo do 1.º vigilante, devem pôr-se os utensilios destinados a servir nas cinco viagens: — maço e cinzel — esquadro e compasso — regua e alavanca — nivel — trolha.

No occidente devem colocar-se, nas paredes do templo, cinco cartões com as inscrições adiante indicadas no ritual.

O 1.º e 2.º cartão põem-se do lado do Norte, aquele proximo da balastrada do Oriente e este proximo do vigilante; o 3.º, 4.º, e 5.º do lado do Sul, proximo do vigilante o primeiro, o seguinte ao meio da distancia entre o Oriente e o Occidente e o ultimo no extremo da coluna junto ao Oriente. Em lugar de se collocarem as inscrições nas paredes podem pôr-se em cavaletes apropriados dispostos por diante das bancadas.

O painel do segundo grau em pouco difere do primeiro: as romãs são substituídas, na coluna B, pela esfera terrestre, e na coluna J, pela esfera celeste; entre o compasso e o esquadro fica a estrela radiante com o G no centro, havendo cinco degraus em lugar de três.

*Nota — O altar do veneravel deve ser rectangular e não triangular, como erradamente diz o Ritual de Aprendiz do rito escocês, Os intersticios de aprendiz para companheiros são três meses.*

## Rito francês

## MEMENTO DO SEGUNDO GRAU

### Rito escocês

**Ordem** — A mão direita sobre o coração, com os dedos um pouco curvos. O antebraço esquerdo levantado, com a mão aberta á altura da testa, tendo a palma para fora e o polegar proximo da orelha.

**Sinal** — Estando á ordem, retirar a mão direita horizontalmente sobre o flanco direito e deixá-la cair perpendicularmente, abaixado ao mesmo tempo a mão esquerda ao longo do corpo.

**Toque** — Tomar a mão direita da pessoa que se quer reconhecer e bater com o polegar cinco pancadas sobre a primeira falange do dedo medio, e introduzir em seguida entre esta e a do anular o dedo polegar, posição em que se dá a palavra de passe. O outro irmão coloca o polegar sobre a primeira falange do dedo medio e preme ligeiramente com a unha, o que equivale a pedir a palavra sagrada.

**Palavra sagrada** — Começa por J. Dá-se como no primeiro grau.

**Palavra de passe** — Começa por S.

**Marcha** — Estando á ordem dar tres passos de aprendiz, principiando com o pé esquerdo seguidos de dois obliquos, um á direita, partindo dom o pé direito, e juntando-lhe depois o esquerdo, outro á esquerda, partindo com o pé esquerdo, juntando-lhe o direito — e, para saudar, fazer o sinal.

**Bateria**

**Aclamação** — Huzé! Huzé! Huzé!

**Idade**— Cinco anos.  
**Tempo de trabalho**— Começa ao meio dia e termina á meia noite.

**Insignia**— Avental de pelica branca com a abeta dobrada para baixo.

### Rito francês

**Ordem**— Coloca-se sobre o coração a mão direita aberta, com os dedos unidos e o polgar afastado, para formar esquadria, e a mão esquerda caída.

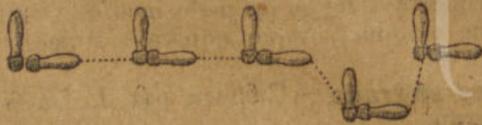
**Sinal**— Estando á ordem, retirar a mão direita horizontalmente para o flanco direito e deixá-la cair perpendicularmente.

**Toque**— Tomar a mão direita da pessoa que se quer reconhecer batar com o polgar três pancadas na primeira falange do dedo indicador, seguidas de duas sobre o medio.

**Palavra sagrada**— Começa por B. Dá-se como no primeiro grau.

**Palavra de passe**— Começa por S.

**Marcha**— Estando á ordem, dar três passos de aprendiz, partindo com o pé direito, seguidos de dois obliquos, uma á direita, partindo com o pé direito, depois o outro á esquerda, partindo com o pé esquerdo, — e, para saudar, fazer o sinal.



**Bateria** — (É sempre simples).

**Aclamação**— Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

**Idade**— Cinco anos.

**Tempo de trabalho**— Começa ao meio dia e termina á meia noite.

**Insignia**— Avental de pelica branca com a abeta dobrada para baixo.

### RITUAL DO SEGUNDO GRAU

#### Abertura dos trabalhos

Reunidos os companheiros e mestres em numero suficiente, tendo todos occupado os respectivos lugares, e depois de revestidos com as insignias dos seus graus, o veneravel dá um golpe de malhete — que é repetido pelos vigilantes.

**Veneravel** — ◊ — ◊ — ?Irmão 1.º vigilante, sois companheiro?

**1.º Vigilante**— Conheço a letra G, veneravel mestre.

**Veneravel**— ?Irmão 2.º vigilante, que idade tendes?

**2.º Vigilante**— Cinco anos, veneravel mestre.

**Veneravel** — ◊ — ◊ — ?Qual é o primeiro dever dum vigilante em loja de companheiro, irmão 1.º vigilante?

**1.º Vigilante**—Assegurar-se o templo está a coberto da indiscrição dos profanos e dos aprendizes.

**Veneravel**— Certificai-vos disso meu irmão.

O irmão 1.º vigilante diz ao cobridor que proceda a esta verificação, o qual, depois de a ter efectuado, dá aquelle irmão, em voz baixa conta do resultado do seu exame.

**1.º Vigilante**— O templo está a coberto, veneravel mestre.

**Veneravel** — Qual é o segundo dever dum vigilante em loja de companheiro, 2.º vigilante?

**2.º Vigilante** — Assegurar-se os irmãos presentes são companheiros e membros da loja, ou visitantes conhecidos.

**Veneravel** — De pé e á ordem

Irmãos 1.º 2.º vigilantes, verificai se os irmãos que decoram as vossas respectivas colunas são companheiros e membros da loja ou visitantes conhecidos.

Os dois vigilantes percorrem as colunas e pedem aos irmãos a palavra sagrada e de passe de segundo grau. Ao voltarem aos seus lugares o 2.º vigilante dá conhecimento do resultado do seu exame ao 1.º vigilante.

**1.º Vigilante** — Veneravel mestre, os irmãos que decoram ambas as colunas são companheiros regulares.

**Veneravel** — O mesmo se dá no oriente.

¿ A que horas principiam os companheiros os seus trabalhos, irmão 1.º vigilante?

**1.º Vigilante** — Ao meio dia, veneravel mestre.

**Veneravel** — ¿ Que horas são, irmão 2.º vigilante?

**2.º Vigilante** — Meio dia, veneravel mestre.

**Veneravel** — Visto ser a hora de principiar o trabalho irmãos 1.º e 2.º vigilantes, convidai os obreiros das vossas colunas, como eu convido os do Oriente, a unirem-se a mim e a vós, para abrir-mos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja... ao vale de...

**1.º Vigilante** — Irmão 2.º vigilante e irmãos da minha coluna, da parte do veneravel mestre vos convido a unir-vos a ele e aos vigilantes, para abrir-mos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja... ao vale de...

**2.º Vigilante** — Irmãos da minha coluna, da parte do veneravel mestre vos convido a unir-vos a ele e aos vigi-

lautes, para abrir-mos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja... ao vale de...

O veneravel dá a bateria do grau, conforme o rito, que é repetido pelos vigilantes.

**Veneravel** — Amim, meus irmãos, pelo sinal, pela bateria e pela aclamação. (*Executa-se*). Os trabalhos de companheiro estão abertos. Sentemo-nos, meus irmãos.

Em seguida procede-se á leitura da acta e introdução dos visitantes como no primeiro grau.

### Preliminares da iniciação

**Veneravel** — Meus irmãos, sob a proposta do irmão 2.º vigilante, o aprendiz F... foi, pelos mestres, considerado apto para receber aumento de salario, tanto em virtude da sua antiguidade como pelo seu zelo e assuidade. Se não ha opposição á sua candidatura, vou mandá-lo entrar no templo, para, que, depois de interrogado, possamos julgar se merece, pela sua instrução maçonica, ser promovido a companheiro,

Se ha opposição discute-se e a loja delibera.

**Veneravel** — Irmão experto, ide buscar o candidato e fazei-o entrar no templo segundo o seu grau, tendo-lhe previamente pedido sinaes toques e palavra.

### Entrada do candidato

O aprendiz, devidamente decorado, é conduzido pelo experto á porta do templo, onde bate segundo o seu grau.

**1.º Vigilante** — Veneravel mestre, batem á porta do templo no grau de aprediz.

**Veneravel** — Mandai saber quem assim bate.

O 1.º vigilante fez sinal ao guarda interno ou corredor, que, abrindo o postigo, verifica quem bate, e depois comunica áquele irmão, em voz baixa, o resultado do seu exame.

**1.º Vigilante** — O aprendiz que acaba de bater á porta do templo, é irmão F..., que vem sujeitar-se ao exame para companheiro.

**Veneravel** — Dai-lhe entrada.

A um sinal do 1.º vigilante o corredor abre a porta e o experto intruduz o candidato que, depois de dar os passos de aprendiz, sauda o veneravel e os vigilantes, ficando entre colunas.

**Exame**

**Veneravel** — Meu irmão, não devemos conceder-vos o aumento de salario solicitado sem nos certificarmos se possuis os conhecimentos maçonicos relativos ao vosso grau actual. Tomai assento na cadeira que vos está destinada no meio do templo.

O veneravel interrogará o candidato:

1.º Sobre a instrução do grau que completa o ritual do primeiro grau.

2.º Sobre os dois primeiros capitulos da Constituição;

3.º Sobre a organização e o regime da loja e sobre as atribuições dos officiais.

4.º Sobre a parte de Regulamento Geral e regulamento da officina que se referir ás iniciações.

Os outros irmãos podem, depois de ter pedido regularmente a palavra, fazer perguntas, tomar esclarecimentos e formular objecções.

**Veneravel** — Irmão F..., agora ides cobrir o templo a fim de podermos apreciar as vossas repostas.

Irmão mestre de cerimoniaes, conduzi o candidato fora do templo.

O candidato cobre o templo.

**Veneravel** — Meus irmãos, tendes algumas observações a fazer acêrca das repostas do aprendiz?

Se ninguém pede a palavra, ou se mais ninguém quer usar dela, e se o escrutinio secreto não é regularmente reclamado, o veneravel continua.

Peço as conclusões do irmão orador sobre o aumento de salario para o aprendiz F...

O orador dá as conclusões.

Vou pôr á votação as conclusões do irmão orador. Os irmãos que aprovam a concessão do aumento de salario ao aprendiz F... darão o sinal de assentimento ao meu golpe de malhete —◆—

Se a votação for favoravel.

O aumento de salario foi concedido e portanto vai ser iniciado no grau de companheiro o aprendiz F...

Irmão mestre de cerimoniaes, ide buscar o recipiendario e dai-lhe entrada no templo sem formalidades.

**Iniciação**

O aprendiz entra á ordem, dá os três passos e sauda como na primeira vez.

**Veneravel** — Meu irmão, tenho o prazer de vos comunicar que os mestres e companheiros presentes deliberaram conceder-vos aumento de salario.

Vamos pois proceder á vossa iniciação no grau de companheiro, mas, antes disso, retomai o lugar onde ha pouco estivestes.

O recipiendario senta-se.

Refletistes sem duvida sobre os simbolos da vossa primeira iniciação; recordando-vos agora esses simbolos, mais facilmente comprehendereis o sentido da iniciação que vos vai ser dada.

A do primeiro grau representou o homem na sua infancia e a sociedade na sua origem.

A ignorancia, na primeira idade, estava figurada pela venda que vos cobria os olhos. A criança não sabe ver, nem apalpar, nem pode andar nem falar senão muito tempo depois do seu nascimento. O pensamento existe nela, mas

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÔNIO  
ROSA  
MENDES  
OLHÃO

a reflexão e o raciocínio que a guiam na vida, não são senão faculdades latentes.

Nas idades primitivas da humanidade, o homem, ainda no estado selvagem, não sabia mesmo vestir-se. Pelo emprego do fogo chegou a modificar as suas condições de existência, e, com elas, a sua própria natureza, que se modificou e aperfeiçoou à medida das transformações e melhoramentos do meio onde vivia. Os primeiros passos no caminho da civilização foram dados em virtude da invenção dos instrumentos e de armas, que se obtinham em primeiro lugar, quebrando a pedra dura pela ação do fogo, e depois pela percussão. Só depois é que o homem tratou de se vestir com os despojos dos animais que imolava para a sua segurança ou para as necessidades da alimentação. Depois, pouco a pouco, por transformações sucessivas, o descendente do ser primitivo elevou-se até se tornar o homem inteligente, moral e social.

Nas viagens simbólicas que fizestes para ser admitido no primeiro grau da iniciação deveis ter conhecido os esforços, as lutas, os combates do homem na sua juventude, e das sociedades no período de formação. Uma nação não tem só a temer a concorrência ou a hostilidade de seus vizinhos: muitas vezes tem mais a recear o efeito das suas próprias paixões, as violências dos seus próprios membros. ; Feliz aquela que não é perturbada pela ambição e orgulho dalguns! ; Feliz aquela que escapa à tirania dum homem ou duma casta!

Quando, enfim, vos foi dada a luz, patentearam-vos o caminho que deveis percorrer para vos tornardes um homem moderno.

A luz permitiu-vos ler no livro da sciencia.

Ensinarão-vos a trabalhar na pedra bruta. Foi na idade da pedra bruta que a humanidade começou o curso das suas transformações progressivas.

Tal é, meu irmão, o sentido allegorico da entrada e dos primeiros passos na Maçonaria. Conservai sempre presente no esperito esta ideia dominante: todos os conhecimentos adquiridos devem tender ao desenvolvimento moral do individuo e ao aperfeiçoamento da sociedade.

Para vos iniciar no grau de companheiro deveis fazer cinco viagens simbólicas.

Estas viagens não são provas; figuram os trabalhos e

os estudos relativos ao grau que vos vai ser conferido.

Pitágoras, que foi um mestre das antigas iniciações, exigia dos seus discipulos cinco anos de preparação, a fim de que, fortificados pela meditação e pela experiencia se tornassem capazes de, por sua vez, ensinar e dignos de ser ouvidos.

A explicação dos símbolos tomados aos instrumentos do trabalho material ajuntaremos, sucessivamente, a indicação sumaria das noções que o companheiro deve assimilar.

### 1.ª Viagem

Os cinco sentidos

I	
OS SENTIDOS	
TACTO	
VISTA	OUVIDO
OLFACTO	GOSTO

**Veneravel** — Irmão 1.º experto, dai ao recipiendario o maço e o cinzel, e acompanhai-o na primeira viagem, começando pelo Sul.

O experto dá ao recipiendario estes dois instrumentos, o qual os toma com a mão direita; pega-lhe na mão esquerda e acompanha-o nesta viagem, começando pelo Sul; passam proximo do lugar dos expertos e voltam pelo Norte, parando diante do 1.º quadro, pedindo o experto ao recipiendario que leia em voz alta a inscrição. Em seguida condu-lo ao seu lugar, convidando-o a sentar-se, e retoma o maço e o cinzel, que vai colocar novamente sobre a mesa.

**1.º Experto** — Veneravel mestre, está feita a primeira viagem.

**Veneravel** — Meu irmão, esta viagem figura o primeiro ano de companheiro, o qual deve ser empregado em aprender a conhecer a qualidade dos materiais e a maneira de

os preparar. Durante a vossa aprendizagem deveis servir-vos desses dois instrumentos, o maço e o cinzel, para desbastar a pedra bruta. Como companheiro deveis empregá-los para dar à pedra já desbastada o polido e a elegancia da forma, isto é, deveis desenvolver, modificar e aperfeiçoar as vossas proprias faculdades.

A personalidade humana é caracterizada pelo desenvolvimento relativo, mas desigual, dos sentidos. É pelos sentidos que adquirimos o conhecimento do mundo exterior. São para nós os meios do desenvolvimento das faculdades e do pensamento. Os filosofos antigos já tinham assinalado este facto, notando que no espirito do homem nada havia que não procedesse da acção dos sentidos; noutros termos, os nossos pensamentos provêm de esforços reflexos, tendo por causa inicial e excitação produzida por impressões que os órgãos dos sentidos recebem dos objectos exteriores.

Estudar os sentidos, é, portanto, estudar os modos materiais de percepção e da produção das ideas. Quando bem os conhecermos, podemos desenvolver e aperfeiçoar as nossas faculdades intellectuais e morais.

O estudo fisico do homem mostra-nos que os sentidos podem, até certo ponto, substituir-se uns aos outros; por exemplo: as ideias que provêm ordinariamente do sentido da vista podem num cego provir do sentido do tacto. A distincção dos cinco sentidos não é pois absoluta.

Os outros sentidos não são mais do que transformações do sentido primordial, do tacto, que é o unico sentido dos animais mais inferiores. Todos os sentidos se ligam ao sistema nervoso, que existe mais ou menos desenvolvido nos diferentes degraus da escala animal.

Nos corpos dos animaes superiores, no do homem principalmente, existe um tecido especial, no cerebro, na medula espinal e nos ganglios nervosos, espalhados sob a forma de filamentos cada vez mais delgados, os nervos, até as partes extremas do organismo. Esses nervos recebem nas suas extremidades as impressões produzidas por agentes exteriores e transmitem-nas aos centros nervosos a que se ligam. Ali, estas impressões transformam-se em sensações. A sensação determina no centro nervoso a produção duma acção excitadora, duma acção motriz dos musculos, que se traduz por um movimento retraimento, se

a sensação é desagradavel; por um grito de dôr, se é dolorosa, por um movimento de avanço, se é agradável.

Passemos rapidamente em revista os cinco sentidos e as faculdades que a eles se ligam. A sintese destas faculdades é para o homem o conhecimento da natureza e de si mesmo.

O tacto é o primeiro sentido que se desenvolve na criança. É, se não o mais delicado, pelo menos o mais seguro, aquelle cujas indicações, sempre exactas, nunca nos traem. É pelo tacto que adquirimos a idea da nossa individualidade, que distinguimos claramente a nossa pessoa dos objectos exteriores.

A vista e o ouvido permitem que conheçamos melhor o mundo exterior do que pelo tacto. São tambem os mais poderosos meios de comunicação com os nossos semelhantes; a vista, pela percepção dos sinais e da escrita; o ouvido, pela percepção dos sons e da linguagem articulada. Dão nos tambem os nobres gozos da arte, sob as diferentes formas da eloquencia e da poesia.

O olfacto e o gosto, embora em menor grau, concorrem para a protecção do corpo, para a conservação da nossa existencia e para os nossos prazeres.

Os sentidos são pois os factores da nossa intelligencia e os agentes das nossas faculdades. O desenvolvimento do pensamento está, portanto, ligado ao seu bom exercicio e à sua sã educação.

Aprendeí a conhecer-vos, e compenetrarí-vos desta maxima: sou homem, e nada do que se refere á humanidade me deve ser estranho.

## 2.ª Viagem

As artes

II

AS ARTES

SUA UTILIDADE SOCIAL

**Veneravel** - Irmão 1.º experto, dai ao recipiendario o esquadro e o compasso, e acompanhai-o na segunda viagem

Esta viagem faz-se como a primeira e param diante do 2.º quadro, cuja inscrição é lida pela mesma forma. Em seguida o experto conduz o recipiendario ao seu lugar, convidando-o a sentar-se e retoma os instrumentos que vai colocar sobre a mesa.

**1.º Experto** — Veneravel mestre, está feita a segunda viagem.

**Veneravel** — Irmão 1.º vigilante, dai nos a significação symbolico desta viagem.

**1.º vigilante** — Meu irmão, o esquadro de que fostes portador nesta segunda viagem é o emblema da rectidão e serve para verificar se os mteriais estão em esquadria. O compasso serve para tomar exactamente as medidas e verificar a certeza das paralelas: é o emblema da exactidão. Estes dois emblemas simbolizam a justiça e a verdade, que a Maçonaria se esforça por efectivar e propagar cada vez mais na humanidade.

As artes, cujo estudo vos é presentemente recomendado, não são só poderosos meios de educação para o individuo, servem tambem para o desenvolvimento das sociedades. E' por ellas que se manifestam as civilizações passadas, em virtude dos monumentos notaveis que chegaram até nós. Estudar as artes é estudar a humanidade.

Depois da satisfação dos sentidos, a arte é a primeira necessidade do homem. Pela grandeza ou harmonia das proporções dos contornos, do colorido e dos sons, a arte deleita os sentidos que recebem a sua impressão, e a intelligencia, que comprehende a preceitos a que obdece. Dá ao homem o desejo e o sentimento do ideal. Eleva-o acima das cousas mundanas e fá-lo sentir as emoções mais nobres e mais agradaveis. E' pelas seducções da architectura, da escultura, da pintura, da musica, da poesia e da eloquencia que as religiões por muito tempo cativaram os espiritos.

Nos nossos dias, as artes de medecina e cirurgia suavizam consideravelmente os sofrimentos fisicos do homem. A engenharia, que criou a ponte, a estrada, o canal, a via ferrea e as applicações multiplas do vapor e da electrici-

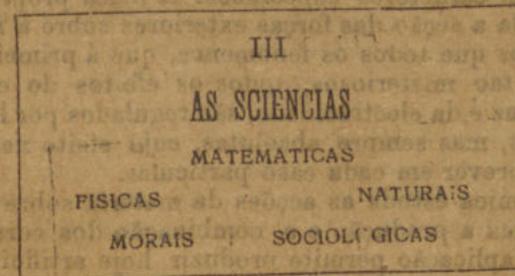
dade, modificou extraordinariamente as condições de ser da humanidade. O obstaculo da distancia está hoje reduzido duma maneira maravilhosa, quasi suprimida, para a comunicação do pensamento.

A humanidade tem hoje a temer menos o flagelo da fome, outrora tão frequente e tão funesto. Que influencia terão ainda novas descobertas no progresso geral da humanidade!

Por conseguinte demos tambem um lugar de honra á arte nos nossos trabalhos e na educação das novas gerações. Se os sentidos são os meios do desenvolvimento individual, as formas multiplas da arte são os meios do desenvolvimento social.

### 3.ª Viagem

As sciencias



**Veneravel** — Irmão experto, dai ao aprendiz a regua e a alavanca, e acompanhai-o na terceira viagem.

Esta viagem faz-se como a anterior. O experto conduz o recipiendario a ler a inscrição do 3.º quadro e condu-lo ao seu lugar depois de caminharem pelo Norte.

**1.º Experto** — Veneravel mestre, está feita a terceira viagem.

**Veneravel** — Esta viagem, meu irmão, simboliza o estudo da natureza, cujo conhecimento vos é dado pelas sciencias, representadas aqui pela regua, emblema do juizo recto, e pela alavanca, emblema do poder do trabalho, com a qual se poderia levantar o mundo, como

disse Arquimedes, se para isso tivéssemos um ponto de apoio.

As sciencias classificam-se em diferentes ordens.

As sciencias *matematicas* estudam as propriedades dos numeros pela aritmetica, as propriedades das grandezas abstractas pela algebra, as propriedades da extenção pela geometria e as propriedades das forças pela mecanica. Este estudo eleva-se até o conhecimento dos mundos pela astronomia e pela mecanica celeste, sciencias que nos ensinam que na maravilhosa harmonia dos movimentos dos astros só ha a applicação simples, mas fatal, das leis mecanicas elementares, que regulam não só as condições de existencia desses inumeros corpos, mas tambem a sua produção e a sua transformação.

As sciencias *fisicas* levam as suas investigações ás propriedades da materia bruta, abstraindo das suas formas e dos seus caracteres especificos. A fisica propriamente dita estuda a acção das forças exteriores sobre a materia mostra-nos que todos os fenomenos, que á primeira vista parecem tão misteriosos, todos os efeitos do calor do som, da luz e da electrecidade, são regulados por leis muito simples, mas sempre absolutas, cujo efeito necessario se pode prever em cada caso particular.

A quimica estuda as acções da materia sobre si mesma; explica a produção e a combinação dos corpos por leis, cuja applicação permite produzir hoje artificialmente substancias que se julgava noutros tempos não poderem resultar senão da vida animal ou vegetal.

As sciencias *naturais* perscrutam a materia viva.

A geologia e a mineralogia permitem-nos conhecer a estrutura do globo terrestre e a natureza das suas partes constitutivas; a paleontologia junta se a elas para nos explicar as multiplas e consideraveis mudanças que o planeta sofreu através duma serie quasi incomensuravel de seculos.

A botanica, a zoologia, a anatomia, a fisiologia e a biologia ensinam-nos as leis do desenvolvimento da vida dos seres. Por elas sabemos que os fenomenos vitais, outrora sem explicação, e que se attribuiam a causas hypotheticas (principio excitador ou princio moral, alma, espiritos animaes), estão subordinados a acções fisicas e quimicas. Sabemos, por exemplo, que o movimento dos a-

nimais se produz graças ao calor resultante de combustões quimicas efectuadas nos tecidos, transformando-se em trabalho mecanico pela acção dos musculos.

As sciencias *morais* tem por objecto a inteligencia humana.

A psicologia e a logica estudam as faculdades intellectuais e as leis que presidem ás suas operações: ajudam-nos a dirigir convenientemente o pensamento.

A moral propriamente dita investiga o mobil das nossas acções, explica o merito e a falta dele, e ensina-nos o direito e o dever.

A filosofia, por uma elaboração incessante, tira da synthese dos nossos conhecimentos as ideas dominantes e ensina-nos a ligar entre si as leis gerais que são, tanto na ordem moral como na ordem fisica, as relações necessarias derivadas da natureza das cousas.

As sciencias *sociologicas* occupam-se das relações dos seres humanos vivendo em colectividade. Tem como auxiliar a historia, que mostra as causas da grandeza e da decadencia das aggregações humanas. Estas sciencias, das quais as principais são a politica, o direito e a economia social, estão sob a acção dos mesmos metodos de observação e de dedução que as outras sciencias, tendem, para o conhecimento exacto das leis que se applicam á organização, ao funcionamento e á evolução das sociedades.

#### 4.<sup>a</sup> Viagem

Os benemeritos da humanidade

IV	
<b>OS BENEMERITOS DA HUMANIDADE</b>	
INVENTORES	ARTISTAS
SABIOS	MORALISTAS
HOMENS POLITICOS	

**Veneravel** — Irmão 1.<sup>o</sup> experto, dai ao recipiendario o nivel, e acompanhai-o na quarta viagem.

Procede-se como nas viagens anteriores, lendo-se desta vez a inscrição do 4.º quadro.

**1.º Experto** — Veneravel mestre, está feita a quarta viagem.

**Veneravel** — Irmão 2.º vigilante, explica o sentido allegorico desta viagem.

**2.º Vigilante** — Meu irmão, o nivel de que fostes portador nesta viagem simboliza a igualdade social.

Esta igualdade não consiste somente na paridade dos direitos e na equivalencia dos deveres entre os membros da sociedade: implica o levantamento dos fracos, o melhoramento dos deserdados da sorte e dos desgraçados. É a igualdade ascendente da cheia do Nilo que leva a fecundidade aos lugares até onde ela se estende.

Os benemeritos da humanidade esboçaram esta obra até o presente; os sucessores a levarão ao seu fim progressivamente.

Honremos pois os *inventores*, que aplicam as leis da natureza á utilidade e bem estar da humanidade. —! Que serviços não prestaram os inventores da forja, da charrua, da roda, da navegação, e, em tempos mais modernos, os da bussola, da imprensa, da maquina a vapor e dos aparelhos electricos!

Honremos os *artistas*, que, possuímos do sentimento do belo, e comunicam aos outros homens.

Honremos os *sabios*, que observam os fenomenos da natureza e que deles deduzem as leis.

Honremos os *moralistas*, que determinam cada vez mais precisamente as condições da humanidade e as virtudes que ella deve praticar.

Honremos finalmente os *homens políticos*, que sem outra ambição senão a de servir a sua patria e a de aperfeiçoar o estado social, empregam as suas faculdades em organizar, em legislar, ou em governar a colectividade a que pertencem.

## Quinta viagem

Glorificação do trabalho

### GLORIFICAÇÃO DE TRABALHO

**Veneravel** — Irmão 1.º experto, entregai ao recipiendario a trolha, e acompanhai o na quinta e ultima viagem.

Procede-se como nas viagens anteriores, lendo-se desta vez a inscrição do 5.º quadro.

**1.º Experto** — Veneravel mestre, está concluida a quinta viagem.

**Veneravel** — Meu irmão, a trolha que levaste nesta ultima viagem é o instrumento com que se lança a argamassa e o cimento para unir as pedras, com que se põe o reboco e se alisam as superficies. E com ella que o construtor acaba e aperfeiçoa o seu trabalho: simboliza para nós a glorificação do trabalho.

A humanidade não subsiste e não se aperfeiçoa senão pelo trabalho; elle é o vencedor da natureza. É elle que nos torna melhores, que nos protege contra o vicio, que nos garante a liberdade, que nos ensina a igualdade, e nos prepara para a fraternidade.

Nas colonias animais as tarefas são divididas, e cada individuo tem o seu cargo a execução dum trabalho adequado ás suas aptidões especiais. Assim, entre as abelhas as obreiras recolhem o suco e o polen das flores, elaboram o mel e a cera, constroem os favos, cuidam dos ovos postos pela abelha mestra, criam e sustentam as larvas, que são a esperança do futuro: as outras, a abelha mestra e os machos, tem por função assegurar o renovoimento da colonia. O mesmo succede na sociedade humana: cada homem tem a sua tarefa a executar, a sua função a desem-

penhar, e nenhum deve ficar ocioso. A obra mais insignificante tem sempre uma certa utilidade social.

Glorifiquemos o trabalho e louvemos aqueles que o executam. Censuremos, pelo contrario, aqueles que são inuteis na sociedade e que aí representam o papel dos zangãos, que as abelhas repelem as colmeias.

Mas que esta glorificação do trabalho não seja uma vã homenagem rendida aos trabalhadores. Apreendamos bem a significação deste simbolismo. Vivendo as sociedades humanas sómente do trabalho dos seus membros, devem preparar os obreiros do futuro pela educação e instrução; devem impedir que sejam oprimidos, fazendo tudo quanto seja possível para lhes melhorar a sorte: devem, emfim, pôr ao abrigo das necessidades aqueles que, pela idade ou ou por outros accidentes, se tornarem os invalidos do trabalho. (Pausa).

Meu irmão, levantai-vos e contemplai a estrela radiante que o irmão experto vos vai mostrar. (Executa-se).

O emblema que ali vedes é a nossa estrela polar. É o astro do pensamento livre, desprendido já dos preconceitos e das superstições.

A letra G, que se vê no centro, é o monograma de gravitação, de geometria, de geração, de genio e de gnose.

A gravitação é a forma primordial que rege o movimento e o equilibrio da materia. É ela que preside ás revoluções da Terra e de todos os corpos celestes.

A geometria é o fundamento da sciencia positiva; sem ela o espirito humano perder-se-ia em vãs especulações. É por isso que Pitagoras escreveu sobre a porta do seu templo: «Só entra aqui quem conhece a geometria».

A geração é a força vital perpetuando a serie dos seres. Devemos conhecer os seus fenomenos para dicifrar o enigma da vida.

O genio é a intelligencia humana brilhando no seu mais vivo esplendor. O homem que dele é dotado deve empregá-lo a guiar os outros no caminho da justiça e da verdade.

A gnose, etimologicamente derivada da lingua dos primeiros philosophos, é o conhecimento moral mais extenso, a impulsão que leva o homem a aprender cada vez mais, e o principal factor do progresso. (Pausa).

Visto que conheceis a letra G, ides ser recebido no grau de companheiro.

Irmão mestre de cerimoniaes, acompanhai o recipiendario ao Oriente para prestar o seu compromisso.

O me-tre de cerimoniaes cumpre esta ordem.

**Veneravel** —♦— De pé e á ordem, meus irmãos. Meu irmão, ponde a mão direita sobre este nivel e esta trolha, e a mão esquerda sobre o coração.

Vou ler a formula do vosso compromisso.—Direis em seguida: Prometo.

### Compromisso

Sobre este nivel, emblema da igualdade social, e sobre esta trolha, emblema do trabalho perfeito, prometo conformar-me com os conhecimentos que acabam de me ser dados.

Prometo tambem não revelar a pessoa alguma os mysterios do grau de companheiro. Prometeis?

**Aprendiz**—Prometo.

**Veneravel**—A vossa promessa fica registada na acta.

O veneravel pega na sua espada com a mão esquerda, estende-a por sobre a cabeça do candidato, toma o malhete na mão direita, e pronuncia a seguinte formula:

*Universi Terrarum Orbis Architectonis ad Gloriam Ingentis!* Em nome e sob os auspicios do Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa, e em virtude dos poderes que me fôram conferidos, eu vos recebo e constituo companheiro maçõn.

Seguidamente o veneravel bate com um malhete as cinco pancadas simbolicas sobre a lamina da espada e com ella toca ligeiramente sobre a cabeça do recipiendario.

**Veneravel** —♦— Sentemo-nos, meus irmãos.

Irmão 1.º experto, dai o triplice abraço fraternal ao nosso irmão F. . . , em nome de todos os companheiros. (Executa-se).

No rito francês não se pronuncia esta frase. No ritual de mestre pronunciar-se-ha ou não, conforme se estiver trabalhando no rito escocês ou no rito francês.

Meu irmão, agora, como companheiro, deveis trazer a abeta do avental dobrada para baixo. (*Dobra-se*).

Neste grau temos, para nos reconhecermos, duas palavras, um sinal e um toque. Vão ser vos comunicados pelo irmão experto, que também vos ensinará a marcha, a bateria deste grau, e a vossa idade simbólica.

Irmão 1.º experto, cumpri o vosso dever.

O experto conduz o novo companheiro ao meio do templo, e faz-lhe as comunicações prescritas no *Memento* do presente ritual, a p. 9, verificando em seguida se foram bem compreendidas.

**1.º Experto**—Veneravel mestre, a palavra de passe e a sagrada, o sinal e o toque, estão justos e perfeitos.

**Veneravel**—Irmão mestre das cerimoniaes, conduzi o novo companheiro entre colunas e colocai-vos á sua esquerda. (*Executa-se*).

**Veneravel**—♦—De pé e á ordem, meus irmãos.

Irmãos 1.º e 2.º vigilantes, convidai os irmãos das vossas colunas e reconhecer de hoje em diante, como companheiro, o irmão F... presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salario por uma calorosa bateria.

Os vigilantes repetem o anuncio. O veneravel dá a bateria do grau, que é repetida pelos vigilantes.

**Veneravel**—A mim, meus irmãos, pelo sinal, pela bateria e pela aclamação.

Executada esta ordem, o novo companheiro agradece, juntamente com o mestre de cerimoniaes, e o veneravel faz cobrir a sua bateria.—Depois ordena que o mestre de cerimoniaes o conduza ao extremo da coluna do Sul, e convida os irmãos a sentarem-se.

O veneravel dá depois a palavra ao orador, ou a qualquer outro irmão que a tenha pedido.

E' conveniente que nos discursos se faça sobressair a importancia do grau de companheiro e se desenvolvam os assuntos indicados nas explicações das viagens.

Antes de encerrar os trabalhos passa-se á instrução do grau que acompanha o presente ritual. O interrogatorio relativo á instrução é feito pelo veneravel, devendo as perguntas ser dirigidas aos companheiros presentes. Quando as respostas forem deficientes, fá-las ha rectificar pelos mestres ou vigilantes.

## Encerramento dos trabalhos

Quando a ordem do dia está esgotada, o veneravel, como na sessão de primeiro grau, dá a palavra a bem da Ordem em geral e da loja em particular, mandando seguidamente proceder á circulação do sacco das proposições e do tronco de beneficencia, também chamado da viuva.

O veneravel dá um golpe de malhete—♦—que os vigilantes repetem sucessivamente.

**Veneravel**—¿Irmão 1.º vigilante, a que horas acabam os companheiros os seus trabalhos?

**1.º Vigilante**—A' meia noite, veneravel mestre.

**Veneravel**—¿Que horas são, irmão 2.º vigilante?

**2.º Vigilante**—Meia noite, veneravel mestre.

**Veneravel**—Visto ser a hora do repouso, irmãos 1.º e 2.º vigilantes, convidai os obreiros que decoram as vossas colunas, como eu convido os do Oriente, a juntar-se a mim e a vós para encerrarmos os trabalhos de companheiro da respeitavel loja...; ao vale de...

Os vigilantes repetem o anuncio.

**Veneravel**—♦—De pé e á ordem.

Em seguida o veneravel dá a bateria do grau, que é sucessivamente repetida pelos vigilantes.

**Veneravel**—A mim, meus irmãos, pelo sinal, pela bateria e pela aclamação. (*Executa-se*).

Os trabalhos estão encerrados.

Retiremo-nos em paz, meus irmãos, sob a promessa do silencio e da discrição.

## INSTRUÇÃO DO SEGUNDO GRAU

N. B.—As respostas impressas em italico devem dar-se textualmente.

**P.**—Sois companheiro?

**R.**—*Conheço a letra G.*

**P.**—¿ Que significa essa letra?

**R.**—(Veja-se o Ritual p. 24).

**P.**—¿ Como fostes recebido companheiro?

**R.**—Passando da coluna do Norte á coluna do Sul, depois de ter feito cinco viagens.

**P.**—¿ Qual é o sentido geral dessas viagens?

**R.**—Figuram os trabalhos e os estudos que dizem respeito ao grau de companheiro.

**P.**—¿ Que significa a primeira viagem?

**R.**—Pelo maço e pelo cinzel com que é feita, significa que o companheiro se deve aperfeiçoar, esforçando-se por fazer desaparecer, como asperezas incomodas, os seus defeitos, preconceitos e erros. A este trabalho deve juntar-se o estudo dos sentidos, que conduz ao conhecimento da personalidade humana e que explica a formação das ideas.

**P.**—¿ Que significa a segunda viagem?

**R.**—Pelo esquadro e compasso, simboliza a procura da justiça e da verdade. Mostra tambem que, nos seus

estudos, o companheiro deve aplicar-se, em grande parte, ás artes, tanto as que teem por objecto a expressão do belo, como as que tendem para a realização do util, porque tanto umas como outras são necessarias ao desenvolvimento da humanidade.

**P.**—¿ Que significa a terceira viagem?

**R.**—Pela regua, emblema do juízo recto, e pelo alavanca, emblema do poder do trabalho, simboliza o estudo da natureza. A este estudo ligam-se as diferentes sciencias, cujos principios gerais não devem ser desconhecidos do companheiro.

**P.**—¿ Que significa a quarta viagem?

**R.**—Pelo nivel, figura os esforços que devemos fazer para realizarmos progressivamente a igualdade social. Serve tambem para honrar a memória e lembrar o exemplo dos benemeritos da humanidade.

**P.**—¿ Que significa a quinta viagem?

**R.**—Pela trolha, marca o remate do trabalho. Proclama a sua glorificação, que implica o levantamento moral dos trabalhadores deserdados ou desprotegidos da sorte.

**P.**—¿ Depois das cinco viagens, que vos mandaram fazer?

**R.**—Fizeram-me contemplar a estrela radiante.

**P.**—¿ Que significa esse emblema?

**R.**—É a nossa estrela polar, astro do pensamento livre.

**P.**—¿ Como se fazem reconhecer os companheiros?

**R.**—*Por duas palavras, um sinal e um toque.*

**P.**—Dai-me a palavra de passe.

**R.**—S...

**P.**—¿ Que significa?

**R.**—Numerosos como as espigas de trigo.

**P.**—Fizei o sinal. (*Faz-se*).

**P.**—Dai o toque ao vigilante da vossa coluna. (*Dá-se.*)

**Vigilante**—O toque está justo. veneravel mestre.

**P.**—Dai-me a palavra sagrada do rito escocês.

**R.**—*Dizei-me a primeira letra, eu vos direi a segunda.*

**P.**—¿ Que significa essa palavra?

**R.**—Estabilidade e firmeza. É o nome duma coluna do templo de Salomão.

**P.**—¿ No rito francês qual é e que significa?

**R.**—B...e significa perseverança no bem. É também o nome duma coluna do templo de Salomão, junto do qual os companheiros recebiam seu salario. (*Dá-se como a do primeiro grau.*)

**P.**—Porque é que o numero cinco caracteriza o grau de companheiro?

**R.**—Porque indica uma progressão sobre o numero três, juntando-lhe o primeiro dos numeros pares: Nos tempos antigos era o emblema da união conjugal.

**P.**—¿ Que significa o cordão, terminado por duas borlas, que guarnece o templo?

**R.**—Pelos seus nós simboliza a união que liga todos os maçons, formando uma só familia. Circunda o templo para mostrar que esta união se estende por toda a superficie da Terra.

**P.**—¿ Porque se juntam os companheiros na coluna Sul?

**R.**—Porque, mais instruidos do que os aprendizes e melhor habituados á luz, podem, sem perigo e sem perturbações, receber os seus raios mais vivos.

**P.**—¿ Porque tem o aprendiz a abeta do avental levantada, e porque a tem voltada para baixo o companheiro?

**R.**—Porque, no sentido material, o aprendiz tem necessidade de se cobrir melhor com o avental, em virtude de se occupar em trabalhos mais grosseiros que o companheiro.

**P.**—¿ Que idade tendes?

**R.**—*Cinco anos.*

**P.**—¿ Como trabalham os companheiros sob a direção dos mestres?

**R.**—Com ardor, alegria e liberdade.

**P.**—Recebestes o vosso salario?

**R.**—*Estou contente.*

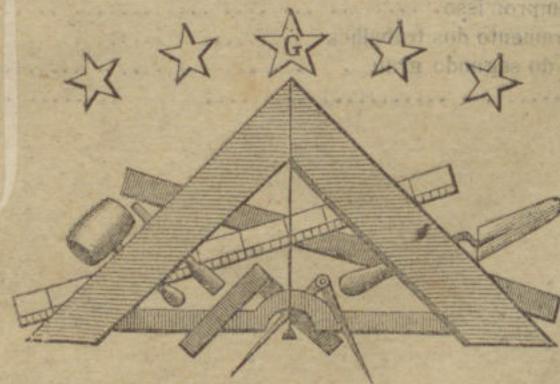
**P.**—¿ Onde o recebestes?

**R.**—Na coluna do Sul.

**P.**—¿ Nada mais esperais dos vossos irmãos?

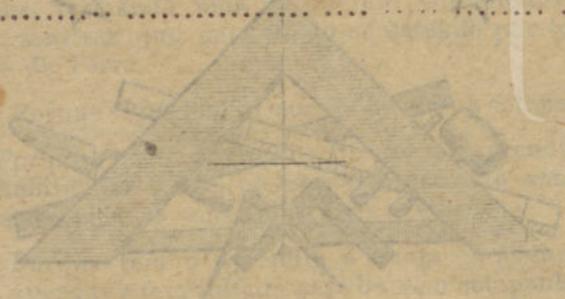
**R.**—Espero a hora em que, já suficientemente instruido do que deve saber um companheiro, eu seja admitido a partilhar os trabalhos dos mestres na Camara do Meio.

**Veneravel**—Tudo chega para quem sabe esperar.



INDICE

	Pag.
Do companheiro maçõn.....	3
Advertencia.....	6
Decoração do templo.....	6
Memento do segundo grau.....	7
Rito escocês.....	7
Rito francês.....	8
Ritual do segundo grau.....	9
Abertura dos trabalhos.....	9
Preliminares da iniciação.....	11
Entrada do candidato.....	11
Exame.....	12
Iniciação.....	13
1.ª viagem—Os cinco sentidos.....	15
2.ª viagem—As artes.....	17
3.ª viagem—As sciencias.....	19
4.ª viagem—Os benemeritos da humanidade.....	21
5.ª viagem—Glorificação do trabalho.....	23
Compro'isso.....	25
Encerramento dos trabalhos.....	27
Instrução do segundo grau.....	28
Indice.....	32



ARQUIVO MUNICIPAL  
 ANTONIO  
 ROSA  
 MENDES  
 OLHÃO

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÓNIO

Encadernação e Tipografia  
FERNANDES  
Rua dos Bacalhoeiros, 104-2.  
LISBOA

MENDES

— OLHÃO —